



Programa de Pós-Graduação
de Ciências Sociais em
Desenvolvimento,
Agricultura e Sociedade

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS SOCIAIS EM
DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE**

O internacional nas obras de Josué de Castro

Marcos Bloise Moura Santos

Sob Orientação do Professor

Dr. Luiz Felipe Osório

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais** no Programa Pós-Graduação em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade.

Rio de Janeiro

2024

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

BS237i Bloise Moura Santos, Marcos, 1991-
i O internacional em Josué de Castro / Marcos Bloise
Moura Santos. - Rio de Janeiro, 2024.
71 f.

Orientador: Luiz Felipe Brandão Osório.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, CPDA, 2024.

1. Fome. 2. Josué de Castro. 3. Internacional. I.
Brandão Osório, Luiz Felipe, 1983-, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. CPDA
III. Título.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código
de Financiamento 001.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento,
Agricultura e Sociedade (CPDA)

MARCOS BLOISE MOURA SANTOS

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais.

Dissertação aprovada em 27/02/2024.

Prof. Dr. LUIZ FELIPE BRANDAO OSORIO (CPDA/UFRRJ)
(Orientador)

Prof. Dr. RENATO SERGIO JAMIL MALUF (CPDA/UFRRJ)

Prof. Dr. JOSÉ GILBERTO DE SOUZA (UNESP)

Prof. Dr. THIAGO LIMA DA SILVA (UFPB)



DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS Nº 5662/2024 - DeptDAS (12.28.01.00.00.84)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 08/04/2024 14:57)

THIAGO LIMA DA SILVA

ASSINANTE EXTERNO

CPF: ###.###.498-##

(Assinado digitalmente em 09/04/2024 21:38)

JOSE GILBERTO SOUZA

ASSINANTE EXTERNO

CPF: ###.###.438-##

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/documentos/> informando seu número: **5662**, ano: **2024**,
tipo: **DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS**, data de emissão: **08/04/2024** e o código de verificação: **6d3c440995**



DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS Nº 3558/2024 - DeptDAS (12.28.01.00.00.84)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 28/02/2024 09:46)

LUIZ FELIPE BRANDAO OSORIO

DIRETOR DE INSTITUTO

ICHS (12.28.01.24)

Matrícula: ###981#1

(Assinado digitalmente em 02/04/2024 07:45)

RENATO SERGIO JAMIL MALUF

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

DeptDAS (12.28.01.00.00.84)

Matrícula: ###70#4

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrj.br/documentos/> informando seu número: **3558**, ano: **2024**,
tipo: **DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS**, data de emissão: **28/02/2024** e o código de verificação: **3226432af2**

Siglas:

ABL – Academia Brasileira de Letras

AI-1 – Ato Institucional número um

ASCOFAM – Associação Mundial de Luta Contra a Fome

CERESAN – Centro de Referência em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional

COFAP – Comissão Federal de Abastecimento e Preços

CPDA – Programa de pós graduação de ciências sociais em desenvolvimento, agricultura e sociedade.

EUA – Estados Unidos da América

FAO - Organização das nações unidas para a alimentação e a Agricultura

FMI – Fundo Monetário Internacional

FPN – Frente Parlamentar Nacionalista

INJC – Instituto de Nutrição Josué de Castro

INUB – Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil

ONU – Organização das nações unidas

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

Rede PENSSAN - Rede nacional de pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar

SAPS – Serviço de Alimentação da Previdência Social

SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

UB – Universidade do Brasil

UDN – União Democrática Nacional

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UNB – Universidade de Brasília

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

“Quem inventou a fome são
os que comem”. (Maria
Carolina de Jesus)

Agradecimentos:

Gostaria de expressar minha mais profunda gratidão às pessoas que tornaram possível a realização desta dissertação:

Ao meu orientador Luiz Felipe Osório agradeço não apenas pela orientação inestimável, mas também pela paciência, apoio contínuo e por ter ido além da simples orientação me inserindo na vida acadêmica e permitindo minha proximidade plena com a universidade.

À minha mãe, Silvana Bloise, cujo amor, encorajamento e dedicação foram e são inabaláveis. Certamente não foram nossos anos mais fáceis, mas superamos os desafios juntos, sempre. A Bruno, meu padasto, por sua presença constante e parceria de sempre. Ao meu pai, Wagner e meu avô paterno Walter pela presença constante e interesse contínuo pela pesquisa. Aos que já não estão entre nós as saudades e o reconhecimento.

Às minhas irmãs Isabela e Júlia, pelo amor fraterno e apoio inabalável. À minha querida avó Maria tão cotidianamente presente e que sempre se interessou e estimulou o meu desenvolvimento.

A André, cuja presença mudou tudo e veio acrescentar um novo mundo de possibilidades e visões. A expansão dos horizontes me trouxe fôlego nos momentos em que tudo estava monótono e igual.

Aos queridos amigos Mariana, Ana Paula, Sérgio, Maria Clara, Elis Regina, Andreza vocês foram essenciais para a construção desse trabalho, seja com a paciência seja incentivando a produção. Certamente tem um pouco de cada um nessa dissertação.

Ao amigo Claudivam e demais colegas do CPDA juntos superamos desafios acadêmicos e os percalços da vida de pesquisador, não foi fácil, mas dividindo certamente foi menos traumatizante.

Ao amigo JP. Farelli e à Comissão do Direito Humanos à Alimentação da OAB/RJ obrigado por trazerem concretude ao meu campo de estudos e pesquisa. Certamente através do diálogo e da prática consigo entender aquilo que Josué de Castro preconizava e dar sentido a toda essa pesquisa.

Ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, que permitiu que o presente trabalho fosse realizado.

RESUMO

Santos, Marcos Bloise Moura. **O internacional em Josué de Castro**. 71 p Dissertação (Mestrado de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2024.

No alvorecer do século XXI a fome volta a ser objeto de grave preocupação ao redor do mundo e no Brasil. A prevalência da questão simultaneamente a tantos avanços científicos e tecnológicos tornam o retorno ao tema inevitável e o resgate de autores clássicos necessário para a correta compreensão da dimensão do problema. A contradição interna do Brasil, um dos maiores produtores de alimentos do mundo e a subsistência da fome afastam aqueles atores que entendem a fome com mera produção insuficiente, tais como os neomalthusianos. Ao contrário das teorias inspiradas em Malthus sabemos ser a fome decorrente de questões políticas e dinâmicas internacionais. A fome surge, portanto, como um problema de expressão típica das relações de produção do capitalismo. A hipótese, portanto, é de que a fome não é fenômeno adstrito as dimensões internas dos países ultrapassando os limites das fronteiras nacionais e atingindo, em maior ou menor escala a quase todos os países do globo e, desse modo, não se pode deixar de ressaltar o viés do internacional na dinâmica da fome estando esses conceitos intimamente ligados. Estudar o fenômeno da fome e as relações do internacional implica na análise do imperialismo, forma como o capitalismo se expressa na ordem internacional. A presente pesquisa busca entender, em um autor clássico do tema da fome, Josué de Castro, como aparece o tema do internacional e do imperialismo na formulação de sua teoria, em suas obras e em sua atuação política. Como metodologia foi realizado um estudo dirigido, comentando e interpretando clássicos de Josué de Castro como *Geografia da Fome* (1946), *Geopolítica da Fome* (1951), *Sete Palmos de Terra e um caixão* (1965) e *Homens e Caranguejos* (1967). Realizou-se um estudo exploratório, qualitativo a partir dos originais do autor em estudo, seus comentadores e também análise dos discursos do autor quando de sua atuação política. Ao longo da pesquisa pretende-se demonstrar como Josué de Castro, que não é um autor do imperialismo, mas da fome traz aquela categoria de forma a amadurecer sua teoria sofisticando-a ao longo de sua trajetória. A presente dissertação em apertada síntese se divide em três capítulos, um primeiro onde se analisam os primeiros anos do autor até seu grande clássico “*Geografia da Fome*”. No segundo capítulo parte-se de “*Geopolítica da Fome*” e é realizada uma análise de sua atuação no conselho da FAO e na vida político-partidária brasileira. No terceiro capítulo analisa-se o período em que fora exilado e duas de suas obras escritas já na década de 1960. Como o resultado esperado o internacional vai sendo incorporado e sofisticando a análise da fome de Josué.

Palavras Chave: Fome. Josué de Castro. Internacional. Imperialismo. Colonialismo. Desigualdade. Subdesenvolvimento.

ABSTRACT

Santos, Marcos Bloise Moura. The international in Josué de Castro. 71 p Dissertation (Master of Social Sciences in Development, Agriculture and Society). Institute of Human and Social Sciences, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2024.

At the dawn of the 21st century, hunger once again becomes a serious concern around the world and in Brazil. The prevalence of the issue, simultaneous to so many scientific and technological advances, makes a return to the topic inevitable and the rescue of classic authors necessary for the correct understanding of the problem's dimension. The internal contradiction of Brazil, one of the world's largest food producers, and the persistence of hunger distance those actors who understand hunger as mere insufficient production, such as the neo-Malthusians. Contrary to theories inspired by Malthus, we know that hunger results from political issues and international dynamics. Hunger, therefore, emerges as a problem typical of the production relations of capitalism. The hypothesis, therefore, is that hunger is not a phenomenon confined to the internal dimensions of countries, surpassing the limits of national borders and affecting, to a greater or lesser extent, almost all countries in the world and, in this way, the international bias in the dynamics of hunger cannot be overlooked, these concepts being closely linked. Studying the phenomenon of hunger and international relations implies an analysis of imperialism, the way capitalism expresses itself in the international order. This research seeks to understand, in a classic author on the subject of hunger, Josué de Castro, how the theme of the international and imperialism appears in the formulation of his theory, in his works and in his political action. As a methodology, a directed study was carried out, commenting on and interpreting classics by Josué de Castro such as *Geography of Hunger* (1946), *Geopolitics of Hunger* (1951), *Seven Feet of Earth and a Coffin* (1965) and *Men and Crabs* (1967). An exploratory, qualitative study was carried out based on the original works of the author under study, his commentators and also an analysis of the author's speeches during his political action. Throughout the research, it is intended to demonstrate how Josué de Castro, who is not an author of imperialism, but of hunger, brings that category in a way that matures his theory, sophisticating it throughout his trajectory. This dissertation, in tight synthesis, is divided into 3 chapters, a first one where the author's early years are analyzed until his great classic "*Geography of Hunger*". In the second chapter, starting from "*Geopolitics of Hunger*", an analysis of his performance on the FAO council and in Brazilian party-political life is carried out. In the third chapter, the period in which he was exiled and two of his works written already in the 1960s are analyzed. As the expected result, the international is being incorporated and sophisticating Josué's analysis of hunger.

Keywords: Hunger. Josué de Castro. Internacional. Imperialism. Colonialism. Inequality. Underdevelopment.

Lista de Imagens

Imagem 1 - Mapa de organização das áreas alimentares do Brasil.....	26
Imagem 2 - Josué de Castro e J. Robert Oppenheimer "pai da bomba atômica".....	32
Imagem 3 - Josué de Castro e Getúlio Vargas.....	37
Imagem 4 - Josué de Castro e Tancredo Neves.....	38
Imagem 5 - Embalagem de farinha de mandioca fortalecida distribuída no Nordeste brasileiro pela ASCOFAM.....	42
Imagem 6 - Josué de Castro, então presidente do conselho da FAO e Harry Truman na Casa Branca.....	58

Sumário

Introdução.....	14
1. Entre a Academia e a Política. O amadurecimento de Josué de Castro até “Geografia da Fome”.....	21
1.1. <i>Primeiros anos. Infância em Recife e a influência dos manguezais nas obras do autor</i>	21
1.2. <i>Graduação em medicina e atuação político-partidária.....</i>	24
1.3. <i>As condições de vida da classe operária de Recife: um estudo econômico da sua alimentação.....</i>	26
1.4. <i>A Campanha pelo Salário Mínimo.....</i>	27
1.5. <i>Geografia da Fome. O primeiro clássico do autor.....</i>	28
2. Geopolítica da Fome. O Homem de Estado - FAO e atuação como deputado federal.	33
2.1. <i>Geopolítica da fome. A extrapolação de seu método para todo o mundo.....</i>	34
2.2. <i>Aproximação com o trabalhismo, Josué e o PTB de Getúlio Vargas</i>	39
2.3. <i>Eleição para a FAO e atuação internacional. Reconhecimento pela atuação acadêmica.....</i>	43
2.4. <i>Retorno ao Brasil. Candidatura e Eleição. Análise de seus discursos na Câmara dos deputados.....</i>	46
2.4.1. <i>A atuação parlamentar de Josué de Castro. Análise de discursos proferidos na câmara dos deputados durante seus dois mandatos.....</i>	48
2.4.1.1. <i>O liberalismo econômico, pressão de grupos internacionais e o papel do Estado na economia. (11/07/1957)</i>	51
2.4.1.2. <i>Protesto sobre os experimentos nucleares norte-americano e o despejo de resíduos de suas usinas atômicas nas proximidades da costa brasileira, com risco de contaminação radioativa à nossa população (09/04/1959).....</i>	52
2.4.1.3. <i>Dia Panamericano, despesas com armamentos, guerra e fome (05/05/1959).....</i>	52
2.4.1.4. <i>Desenvolvimento econômico e campanha eleitoral (22/05/1959).....</i>	54
2.4.1.5. <i>O aumento do custo de vida é intolerável à economia popular e um entrave à expansão real da nossa economia (17/06/1959).....</i>	56
2.4.1.6. <i>Homenagem aos 10 anos do Jornal das Letras (27/06/1959)</i>	57
2.4.1.7. <i>Em favor da independência da Argélia (17/11/1960)</i>	57
2.4.1.8. <i>Homenagem à escritora Carolina Maria de Jesus (26/11/1960)</i>	59
2.4.1.9. <i>Manifesto pela soberania de Cuba e pela integração regional (06/12/1960).....</i>	59
2.4.1.10. <i>Alimentos pela Paz (03/03/1961)</i>	61
2.4.1.11. <i>Fome e necessidade de uma política alimentar pública (28/04/1961).....</i>	64
2.4.1.12. <i>Defesa da Legalidade Constitucional e das Instituições Democráticas (29/08/1961) 66</i>	
2.4.1.13. <i>Manifesto de intelectuais contra intervenção dos ministros militares no Legislativo (01/09/1961)</i>	66
2.4.1.14. <i>Manifesto da Frente Parlamentar Nacionalista (FPN) (06/09/1961)</i>	67
2.4.1.15. <i>Crise socioeconômica e o risco de mudanças na Sudene (19/09/1961).....</i>	67
2.4.1.16. <i>11ª Conferência da FAO, em Roma (13/12/1961)</i>	68
2.4.1.17. <i>Plano de Recuperação Alimentar do NE Brasil-ONU (20/03/1962).....</i>	70

3. Exiliado e ativista da Fome. Entre “Sete Palmos de Terra e um caixão” e “Homens e Caranguejos”	71
3.1. Indicação para a representação diplomática do Brasil em Genebra	71
3.2. Golpe Civil-militar e AI-1. O exílio	72
3.3. Sete Palmos de Terra e um caixão - Ensaio sobre o Nordeste do Brasil, uma área explosiva	74
3.4. Homens e Caranguejos	76
Conclusão	78
Referências	80

Introdução

O tema de pesquisa, o internacional na obra de Josué de Castro surge da união de dois tópicos muito caros à minha vida e trajetória acadêmica, graduado em direito pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e pós-graduado em direito público e privado pela escola da magistratura do Estado do Rio de Janeiro (EMERJ), tive como foco de pesquisa e atuação profissional os direitos sociais.

Meu ingresso no mestrado, CPDA/UFRRJ, se insere numa busca, dentro da produção acadêmica por um olhar menos restrito ao direito e que abarcasse com maior profundidade os estudos das grandes questões do Brasil, nesse aspecto o estudo das ciências sociais e o referencial agrário e urbano apresentam grande intersecção no que diz respeito a um grave problema de nosso país e de toda a humanidade: a fome, flagelo social que atinge ao agrário e ao urbano.

Josué de Castro, autor com o qual me deparei inúmeras vezes durante o mestrado e a graduação em geografia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) se revela atual e desafiador 60 anos depois de suas obras. O autor é indubitavelmente um dos maiores pensadores do Brasil e da fome, seja ela na escala local, como em sua obra sete palmos de terra e um caixão, seja em escala nacional como no grande clássico Geografia da fome ou ainda em escala global como em geopolítica da fome.

Castro nos traz uma ruptura com o pretenso cientificismo malthusiano dominante em sua época, que explicava a fome através de equações matemáticas e gráficos de oferta e demanda e ainda inaugura e reforça a tese da fome como construção social (Leme, 2023). É a partir desse conceito do autor, da fome como problema eminentemente político-social em que o trabalho pretende focar em um dos grandes pontos que justificam a fome, o imperialismo das nações desenvolvidas sobre as políticas dos países periféricos. A fome, portanto, é mais do que um fenômeno interno das nações, ela também decorre da política imperialista cujas vítimas são aqueles países das franjas do capitalismo.

Esta dissertação, portanto, se propõe a fazer uma revisão bibliográfica de grandes obras do autor, sendo elas: Geografia da fome (1946), Geopolítica da fome (1951), Sete palmos de terra e um caixão (1965) e Homens e Caranguejos (1967).

Neste trabalho de pesquisa serão utilizadas as versões de Geografia da Fome de 2022 e de Geopolítica da Fome de 1957.

A escolha das obras se deu em função dos diferentes enfoques apresentados pelo autor em cada uma delas. Embora todas as referidas obras tratem do tema da fome o enfoque espacial é distinto: Em “Geografia da fome:” o autor apresenta seus conceitos e os trabalha com enfoque no Brasil, em “Geopolítica da fome” sua área de estudo abrange todos os continentes e macrorregiões e em “Sete palmos de terra e um caixão” a questão da fome é focalizada na região do Nordeste brasileiro e das influências da política estadunidense no desenvolvimento da região.

O tema do imperialismo surge nas obras e discursos de Josué de Castro como um dos principais fatores responsáveis pela dificuldade dos países subdesenvolvidos em erguerem políticas públicas adequadas ao correto combate a fome ou mesmo de produzirem o suficiente para seu mercado interno. Em verdade revela-se que o projeto político-social do capital, bem implementado, é o grande causador das diversas modalidades de fome elencadas por Josué. O Sucesso das políticas capitalistas e de sua forma internacional (o imperialismo) é que subjagam as classes dominadas condenando-as à fome, algumas vezes até mesmo dentro dos países desenvolvidos. Neste sentido uma das primeiras observações de Josué ainda no prefácio de Geografia da fome:

“Ao lado dos preconceitos morais, os interesses econômicos das minorias dominantes também trabalharam para escamotear o fenômeno da fome do panorama espiritual moderno. É que ao imperialismo econômico e ao comércio internacional a serviço deste interessava que a produção, a distribuição e o consumo dos produtos alimentares continuassem a se processar indefinidamente como fenômenos exclusivamente econômicos...enquanto tantos infelizes morriam de fome, o porto de Calcutá continua a exportar para o estrangeiro quantidade consideráveis de cereais. Os famintos eram demasiado pobres para comprarem o trigo que lhes salvaria a vida. É lógico que os grandes importadores, negociantes de Londres, Rotterdam e outras grandes praças europeias, que tiravam grandes proventos de suas importações da Índia, faziam o possível para abafar na Europa os rumores longínquos dessa fome longínqua, a qual, se tomada na devida consideração, poderia atraparalhar os seus lucrativos negócios.” (Castro, 2022, p. 20)

A questão da reforma agrária, tão debatida e apontada por Josué como elemento essencial é uma das questões em que o colonialismo e posteriormente o imperialismo impactam negativamente condenando a gestão de terras ao modelo das monoculturas em latifúndios e gerando com isso a escassez de alimentos na mesa dos mais pobres. Josué em suas diversas obras defende ser a questão de terras a mais premente no combate à fome, sem o fim das monoculturas e dos latifúndios o autor entende que não há vitória definitiva no contexto da fome.

Importante ressaltar que há ecos da teoria de Josué que se apresentam na ordem do dia do debate nacional. A percepção da fome como problema social, como subproduto de um capitalismo que venceu e perpetuou os latifúndios e monoculturas voltadas à exportação e o descrédito das teorias embasadas no malthusianismo. Ao longo desta dissertação não apenas as obras do autor serão abordadas, mas também a sua atuação política, seu mandato no Congresso Nacional e na FAO serão analisados de forma a entendermos como a ciência desenvolvida pelo do autor influenciou sua atuação política e como ambas enfocam se tornam refinadas e precisas a medida em que inserem o elemento internacional na sua análise.

Com base em uma abordagem multidisciplinar e sistemática sobre a fome verificamos que o internacional e suas dinâmicas são temas visitados pelo autor ao longo de todas as suas obras e de sua atuação política. O tema da fome como um fenômeno com explicações que ultrapassam as fronteiras nacionais e ancorado nas desigualdades internacionais converge a teoria de Josué de Castro e as teorias marxistas do imperialismo indo além da questão natural e fundamentando a sua persistência nas dinâmicas entre Estados nacionais.

O colonialismo e o imperialismo são fatores elencados de forma direta por Josué como responsáveis pela mecânica da fome nas periferias do capitalismo, iremos relacionar os conceitos abordados pelo autor e também procurar entender o papel que o internacional exercer na reprodução da fome.

Com base nos conceitos clássicos de Josué de Castro sobre fome e realizando uma leitura crítica de suas obras à luz das teorias marxistas do imperialismo, faremos a revisão bibliográfica de seus livros e aprofundaremos o tema internacional, notadamente o fenômeno do imperialismo, presente em suas obras e ainda pouco explorado.

O tema do internacional, do imperialismo e do colonialismo, aparece de forma muito vívida nos discursos proferidos por Josué de Castro enquanto deputado federal, a análise desses discursos, feita à minúcia, é essencial para entendermos outra faceta do autor, a de político atuante e preocupado com as grandes questões nacionais e internacionais de seu tempo. Josué vai além da figura academicamente consagrada e também em sua atuação político-partidária e como diretor do conselho da FAO identifica e denuncia o imperialismo exercido ao seu tempo.

Ao longo da presente dissertação apontaremos como em sua trajetória e atuação política, bem como em sua bibliografia o tema do imperialismo aparece como uma das justificantes da fome. A inserção de elementos humanos em contraposição as explicações de viés quantitativa e pretensamente biológicas dos neomalthusianos trazem elementos essenciais para obra de Josué de Castro ao apresentar fatores humanos e da própria ordem capitalista, como o imperialismo, para justificar a permanência da fome em um mundo tecnologicamente capaz de prover toda a espécie humana com alimentação adequada.

De certo que o autor não possui uma teoria do internacional e tampouco do imperialismo ele os mobiliza de forma progressiva e em suas obras e discursos demonstrando como as dinâmicas internacionais acabam por subjugar as periferias do capitalismo e comprometem a capacidade das nações em prover a alimentação adequada para todos.

Nascido em 1908 e falecido em 1973 Josué de Castro foi contemporâneo de grandes transformações vivenciadas pelo mundo e pela própria ordem capitalista. Desde a primeira guerra mundial, o surgimento da União Soviética, passando pela crise de 1929, a segunda guerra mundial e o estabelecimento de novo paradigma para o capitalismo nos países centrais, o estado de bem estar social.

Internamente, no contexto brasileiro, não foram menores as mudanças sociais e políticas verificadas por Josué. Nascido na velha República e vivenciando as implicações da crise de 1929 e a revolução de 30 Josué viu um país agrário se industrializando e as capitais do sudeste se tornarem o principal polo econômico-industrial do país, acompanhou também, de perto e já como político a tensão com a crise sucessória após a renúncia de Jânio Quadros, a ascensão de João Goulart à presidência e o posterior golpe civil-militar de 1964 no qual teve seus direitos políticos cassados.

Josué de Castro viveu em um período de grande efervescência político-social no início do século XX e não apenas participou como espectador como atuou politicamente em momentos agudos da história nacional. Certamente suas obras impactaram o Brasil e o mundo e sua atuação na FAO também contribuiu para uma nova perspectiva do combate à fome. Não podemos analisar o impacto de sua atuação acadêmico-política sem cotejar e entender o papel que o autor atribui ao internacional para as dinâmicas que observa e vivencia.

Para entendermos os ciclos do capitalismo e o do imperialismo iremos partir da análise do professor Luiz Felipe Osório que em sua obra “imperialismo, Estado e Relações Internacionais” apresenta um panorama das etapas do capitalismo e do imperialismo, bem como as modificações conceituais que sofreram nos últimos séculos.

“O imperialismo não se apresenta como um mero desdobramento econômico ou político, mas é a materialização da forma política do capitalismo como desdobramento das relações sociais concretas no terreno mundial do capital” (Osório, 2020, p. 262).

É importante observar e destacar que a obra de Josué não é focada no contexto das relações internacionais e, embora, o faça ao analisar os impactos do imperialismo na fome em diversos continentes (Castro, 1957) não explora a fundo as relações entre os países e a dinâmica no qual se dá essa relação de exploração. Josué não possui uma doutrina sobre o internacional ou mesmo sobre suas dinâmicas mais profundas mas utiliza esses conceitos acima descritos como justificantes de sua teoria da fome e como elementos comuns a explicar a fome tanto no Brasil, em Geografia da Fome (1946), quanto nos demais países periféricos em Geopolítica da Fome (1951).

Em sua obra o professor Luiz Felipe Osório (2018) sistematiza o estudo do imperialismo o dividindo em três fases e, a partir delas, utiliza-se de autores marxistas para entender o fenômeno conjugado a cada etapa do capitalismo correspondente. Josué de Castro produz suas obras e tem sua atuação política mais destacada exatamente no momento fordista (1945 até 1970) e é fruto desse ciclo que grande parte das indagações e interpretações do autor se desenvolvem.

É nítido, na obra de Josué, que o autor está vendo o surgimento de um novo período do capitalismo global, em sua obra “Geopolítica da Fome” o autor deixa claro que há o surgimento de uma nova etapa do capitalismo e observa também a formação

e o início da guerra fria com a separação da ordem global em dois grandes blocos de influência. (Castro, 1957)

Combinadas à obra “Imperialismo, Estado e Relações Internacionais”, as obras de Josué, embora possuam enfoques distintos, são complementares no âmbito da pesquisa. Geografia da fome é inteiramente dedicada ao Brasil e suas regiões, é a obra referência e que irá guiar as discussões sobre a fome por toda a carreira do autor. Geopolítica da fome, ao expor o internacional como uma questão importante na dinâmica da fome global é essencial para entendermos como que o imperialismo se manteve como questão relevante e capaz de perpetuar a fome nas periferias globais ao longo das décadas e até o dia de hoje.

Josué também é um autor que analisa o capitalismo em seu ciclo fordista que é justamente aquele que se inaugura nos pós crise em 1929 e vai até meados de 1970 (Osório, 2018) é esse grande momento do capitalismo mundial, marcado pela expansão do estado de bem estar social no centro do capitalismo que o autor está analisando quando de suas principais obras, Geografia da Fome e Geopolítica da Fome.

Cabe analisar que a etapa fordista, substituída pela ascensão neoliberal ainda é tema pungente no debate brasileiro e internacional. Este ciclo, vivenciado e analisado por Josué em suas obras repercute ao longo de todo o século XX e também está inserido nos debates atuais, já no sec. XXI. Também pela atualidade desse debate é essencial entender quais as implicações desse período e quais seus ecos até nossos dias.

Josué de Castro também utiliza concomitantemente os termos colonialismo e imperialismo e embora não faça distinção teórica entre esses termos os utiliza em contextos diferentes. Enquanto “colonialismo” é utilizado pelo autor em sentido mais gravoso e prático das relações entre potências capitalistas e países periféricos o termo “imperialismo” é dotado de sentido mais geral e focado nas trocas desiguais e nas influências políticas sofridas entres os mesmos grupos.

O término da guerra, a criação da ONU como coalização de países em busca de um mínimo de coesão internacional e a ampliação das agências internacionais tais como a FAO apontam para um período de intenso otimismo com o capitalismo em sua fase fordista. Essa sucessão de eventos é marcante no centro do capitalismo, notadamente nos EUA e na Europa.

A ascensão do “Welfare State” neste centro do capitalismo, em resposta ao progresso social experimentado pela experiência soviética trazem ainda conforto e pacificação social para os países do bloco capitalista. Josué em suas obras publicadas no pós guerra vislumbra um tempo onde as relações humanas serão menos voltadas às relações econômicas e focarão na resolução dos problemas enfrentados por toda humanidade (Castro, 1957). Essa visão, ainda muito otimista, irá mudar com o tempo e com a percepção, por parte do autor, que o progresso fora localizado e destinado tão somente aos países desenvolvidos e muitas vezes obtido às custas dos países subdesenvolvidos e da intensificação da exploração do tipo imperialista.

Outro aspecto do tempo e do capitalismo vivenciado por Josué e muito presente em suas obras e discursos é o processo de descolonização passado em África e na Ásia no pós-segunda guerra mundial. Esse ocaso do “colonialismo tardio” era fruto de esperanças para o autor e sinalizam a eclosão de uma nova etapa nas relações humanas e entre as nações. Em alguns discursos percebe-se a celebração do autor com esse processo que representa, como veremos adiante, mais do que a emancipação daquelas nações, mas a própria tomada de consciência por parte dos países historicamente explorados e submetidos (Castro, 1960).

Período também marcado pela disputa entre os blocos capitalista e soviético também aparecem em suas obras e discursos análise das revoluções mais impactante ocorridas no séc. XX. A revolução chinesa é apontada por Josué como uma resposta a superexploração imperialista ao qual aquele povo fora submetido, pelas potências europeias, ao longo de sua história (Castro, 1957). Também a revolução cubana é comentada em seus discursos e posteriormente, ao analisar o potencial revolucionário do nordeste brasileiro o autor trata da questão cubana (Castro, 1965).

Apesar do viés neutro atribuído inicialmente a estes processos revolucionários, caraterísticos do seu período histórico, o autor celebra que estes irrompam como resposta ao imperialismo exercido pelas potências capitalistas. Josué identifica na exploração capitalista feroz o germe revolucionário, uma vez que de tão deletérios os processos internos de exploração, estimulados pelas dinâmicas internacionais, tornam a solução encontradas por esses povos drástica (Castro, 1965).

A pesquisa divide-se em três grandes capítulos que irão abordar cronologicamente etapas da vida pessoal e atuação político-partidária de Josué de Castro conjugando com suas obras e discursos. Ao longo dos capítulos iremos observar de que forma o internacional, destacadamente o imperialismo e o

colonialismo são utilizados pelo autor de forma a elaborar sua destacada teoria da fome.

O primeiro capítulo abordará os anos iniciais e etapas acadêmicas até o grande clássico do autor: Geografia da Fome. Neste capítulo pretende-se entender de onde veio o autor, quais suas primeiras obras e como sua pesquisa se desenvolveu. No segundo capítulo aborda-se a atuação político-partidária, o mandato de Josué perante o conselho da FAO e destaca-se uma análise mais minuciosa dos discursos político-partidários proferidos quando deputado federal. O tema do internacional surge e é abordado com mais intensidade a partir de Geopolítica da fome e da atuação mais profunda politicamente desempenhada. O terceiro e último capítulo pretende introduzir duas obras menos divulgadas, mas importantes do autor, são elas: Homens e Caranguejos e Sete Palmos de Terra e um caixão – Nordeste uma área explosiva. Obras estas que retratam a infância do autor, mas também a dimensão tida por pré-revolucionária por Josué em relação ao nordeste brasileiro e as influências do colonialismo e do imperialismo para o estabelecimento de tais condições.

1. Entre a Academia e a Política. O amadurecimento de Josué de Castro até “Geografia da Fome”.

Neste capítulo inicial busca-se retomar a primeira infância do autor, seu desenvolvimento acadêmico e primeira atuação político-partidária. O capítulo ressalta a importância dos cenários de sua infância, os manguezais, em sua obra e termina com a apresentação de seu livro grande destaque nacional e internacional – Geografia da Fome.

Nesta primeira fase de vida, formação e produção acadêmica percebe-se uma abordagem ainda pouco destacada, embora presente, da questão do internacional em o que viria ser revertido a partir do destaque internacional e do sucesso editorial de Geografia da fome.

1.1. Primeiros anos. Infância em Recife e a influência dos manguezais nas obras do autor

Nascido em cinco de setembro de 1908, em Recife, Josué Apolônio de Castro, filho de pernambucanos emigrados do interior para a capital, passou sua infância perto das regiões de mangue de Recife. Nesse ambiente em que cresce Josué tem o

manguezal os caranguejos e seus catadores como cenário e mais tarde, inclusive, os usará como pano de fundo e revisitará o mangue ao longo de algumas de suas obras (Castro, 1967).

O autor, portanto, tem sua infância e formação durante a chamada República Velha (1889-1930). Esse período fora marcado por graves convulsões sociais no nordeste brasileiro. São alguns os episódios de seca e agravamento da fome bem como a formação de imensos contingentes de sertanejos fugidos da miséria emigrando para as grandes cidades.

É patente que durante esse período poucos e escassos são os estudos sobre a temática da fome e tampouco essa questão é vista como de caráter social e digna de políticas públicas para seu enfrentamento, nesse sentido Belik, Silva e Takagi (2001) esclarecem que apesar de grave a fome não é objeto de grandes intervenções estatais. Os anos anteriores à Revolução de 30 são marcados pela infraestrutura de distribuição aquém do necessário, pela presença maciça dos monopólios agroexportadores de café e como consequência desse processo sucessivas crises de abastecimento. Com exportação de alimentos para a Europa durante a primeira guerra e o incremento da pobreza nas cidades em 1917 eclode a primeira grande greve geral no Brasil.

Outro evento relevante da época de juventude de Josué é a presença de “campos de concentração” de sertanejos, marcadamente no Estado do Ceará. Essas experiências cruéis e degradantes são amplamente denunciadas nas obras literárias citadas por Josué nos prefácios de “Geografia” e “Geopolítica” (Travassos, 2011). A fuga da seca e conseqüentemente da fome são o elemento central dessas obras e também elementos de contato do autor com as narrativas do que futuramente ele conceituara como fome aguda.

Josué dedica sua grande obra, “Geografia da Fome” a dois grandes romancistas brasileiros: José Américo de Almeida e Rachel de Queiroz. A obra de José Américo, a Bagaceira, publicado em 1928 traz um vívido relato da fome e da fuga dos trabalhadores retirantes. É com base nos relatos de Rachel de Queiroz, em “O Quinze” que Josué de Castro tem contato imediato com a dura narrativa da grande seca de 1915. O livro, lançado em 1930 pela prestigiada autora é certamente um relato vívido das grandes secas sofridas na região e os impactos sociais por ela provocados.

Ambos os autores, José Américo e Rachel de Queiroz trazem em sua literatura retratos duros da vida no Nordeste. Josué os classifica em “Geografia” como

romancistas da fome (2022) e é perceptível que nas obras de ambos a fome é mais do que o ambiente do romance, trata-se de um personagem sombrio, impiedoso e sempre presente.

A grande obra de Josué também é dedicada à memória de Euclides da Cunha e Rodolfo Teófilo a quem Josué chama de sociólogos da fome no Brasil. É patente, portanto, que para além de suas próprias pesquisas e vivências é na literatura, sobretudo nas obras que relatam um duro período de secas no nordeste brasileiro ocorridas no período de sua juventude em que Josué tem parte importante de suas referências.

A vivência de Josué, embora egresso de família de classe média, nos arredores de Recife e em contato com os mangues e suas populações é essencial para entendermos a gênese de sua teoria, nesse sentido o próprio autor:

“...não foi na Sorbonne nem em qualquer outra universidade sábia que travei conhecimento com o fenômeno da fome. O fenômeno se revelou espontaneamente a meus olhos nos mangues do Capibaribe, nos bairros miseráveis da cidade do Recife: Afogados, Pina, Santo Amaro, Ilha do Leite” (Castro, 1967, p. 12).

É de sua infância observando os mangues de Recife e as pessoas que dele tiravam sua subsistência que Josué atenta pela primeira vez para o problema da fome. Embora apresentado pelo autor como cenário de suas obras e objeto de estudos sobre alimentação temos da leitura de seu prefácio que o mangue é para além disso um elemento da construção da própria teoria do autor (Castro, 1967).

A vivência de homem, brasileiro, nordestino contribui muito para a agudez da crítica de Josué de Castro às influências internacionais na dinâmica da fome, aspecto que se revela nas suas obras mais clássicas. *Homens e Caranguejos* (1967) é a representação literária utilizada pelo autor, com cenas de seu tenro cotidiano, para ir além de seus estudos sobre a fome ilustrando-os ao leitor. Nesta obra, apesar de escrita e publicada posteriormente aos seus grandes livros de destaque que temos o retorno de Josué à Recife dos alagados, dos mocambos e dos catadores de caranguejo de sua infância e juventude.

Com seus estudos colegiais desenvolvidos em Recife no Instituto Carneiro Leão posteriormente se forma médico pela faculdade de medicina do Rio de Janeiro, uma das primeiras do Brasil e pioneira no curso médico. Formado em 1929 retorna ao Recife onde inicia sua carreira como médico. (Andrade, 1997)

Homens e Caranguejos resgata as cenas cotidianas vistas por Josué quando morador de Recife e traz denúncias sobre o contexto que quando jovem observara. A obra dá rosto, corpo e cenário, se aproveitando do ambiente de lama do manguezal onde o pano de fundo é a mazela humana, o trabalho exacerbado, a carência de recursos e a fome sendo verdadeira literatura denúncia (Silva da, 2012).

É inescapável a percepção de que o período vivido por Josué em Recife fora um interregno de grande desenvolvimento político do autor. Embora não tenha atuado diretamente na política. Trata-se de um período de intensa efervescência política em Pernambuco, no Brasil e no Mundo. O período histórico-político visto por Josué, como a revolução russa de 1914 e a revolução de 1930 que levaria Getúlio Vargas ao poder. Trata-se de uma mudança de paradigma no capitalismo mundial e também internamente os episódios sucessivos de fome extrema colaboram para aguçar a visão do autor sobre seu grande tema.

À luz dos estudos desenvolvidos pelos professores Walter Belik, Maya Takagi e José Graziano (2001) sobre o histórico das políticas de combate à fome no Brasil temos até a década de 30 do século XX raras políticas estruturadas sobre o tema. Há sucessivos episódios de fome aguda no início do século e poucas são as respostas governamentais efetivas para a questão. Dessa forma é a ausência de políticas públicas adequadas para o tema que Josué tem como paradigma durante seu crescimento e vivência nos arredores de Recife.

1.2. Graduação em medicina e atuação político-partidária.

O país à sua época ainda predominantemente rural, marcado pelo latifúndio e também muito desigual experimentava um surto de urbanização e industrialização. A rápida urbanização vivenciada pelo Brasil após a Revolução de 30 traria inclusive implicações para a teoria da Fome de Josué e para as políticas de combate a fome desenvolvidas até então.

Aluno de Medicina da Universidade Federal da Bahia (UFBA) acaba por concluir a sua formação no mesmo curso na Universidade do Brasil (UB), atualmente Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Inicialmente retorna para Recife onde exerce sua profissão em estrito contato com a classe trabalhadora. Sua primeira obra de repercussão e com a problemática da fome é: “As condições de vida da classe operária no Recife: estudo econômico de sua alimentação” publicado em 1935. Nesta

obra Josué inaugura aquela que seria a maior característica de seus estudos: uma análise profunda dos hábitos alimentares e laborais de determinado grupo e região e a relação de tais hábitos com deficiências nutricionais e a prevalência de doenças nas populações objeto de estudo.

Já em 1932 inicia sua docência como professor de Fisiologia na faculdade de medicina de Recife. Em 1933 Josué passa a lecionar Geografia Humana na faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Recife, como catedrático (Carvalho, 2001). Nesse início de sua carreira como docente é perceptível a atuação concomitante de Josué entre duas matérias que seriam essenciais para a consolidação de seu método científico: Medicina e Geografia.

No ano de 1935 Josué passa a residir no Rio de Janeiro onde implanta o Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS) e passa a ministrar cursos sobre nutrição na faculdade de medicina da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Em 1946 participa da criação e se torna o primeiro diretor do Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil (INUB). Este é um importante passo para o estabelecimento da nutrição como ciência em nosso país. Josué surge como grande pioneiro do campo da nutrição. Em 1996, ano em que completara 50 anos, o antigo INUB, já renomeado por Instituto de nutrição da UFRJ passa a levar o nome de seu fundador e se torna Instituto de Nutrição Josué de Castro (INJC).

Exemplo de uma grande conquista, relacionada aos estudos do autor, deste período podemos elencar, em 1º de Maio de 1940, no Estádio de São Januário – RJ, o presidente da República anuncia a instituição de um salário mínimo, medida tida por essencial, para o bem estar do trabalhador e para o enfrentamento do problema da fome.

Em 1945 é criada a comissão nacional de alimentação onde Josué é alocado e passa a presidi-la, em 1951 a referida comissão é convertida em comitê de combate a fome, mediante o decreto 29446/51¹, relacionado à ONU, e passa a ter função internacional (Amorim, 2018), passando a se chamar: Comitê Nacional de Organização, Alimentação e Agricultura das Nações Unidas. A partir da conversão da comissão nacional em comitê nacional de coordenação atuação do autor passa a ser

¹ <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-29446-6-abril-1951-334265-publicacaooriginal-1-pe.html>

focada no problema da fome no Brasil e no mundo. Este ponto crucial representa a internacionalização que viria a marcar toda a carreira de Josué de Castro.

A esta altura a obra de Josué e sua atuação acadêmico-política já inspira o governo de Vargas no enfrentamento à fome. Também é com base na sua obra seminal, *Geografia da Fome* (1946) e uma profusão de estudos sobre o Brasil que este problema é encarado e objeto de políticas públicas. Interessante observar que a Fome, flagelo apontado por Josué como um dos elementos que “deterioram a alma dos homens” (2022) também é encarada pelo governo Vargas como um desafio nacional (Cruz, 2008).

1.3. As condições de vida da classe operária de Recife: um estudo econômico da sua alimentação.

Trata-se não apenas de uma obra inaugural e por isso mais simples, mas um verdadeiro estudo sistemático das condições de vida e sobretudo alimentação e as implicações destas na vida do proletariado Recifense. É nesse verdadeiro inquérito, realizado em 1932, que Josué acaba por concluir que a alimentação deficiente, em termos calóricos, mas também em aspectos nutricionais contribuíam para a baixa produtividade da classe operária de Recife.

Esse estudo é desenvolvido com entrevistas feitas com 500 trabalhadores operários sobre suas condições de alimentação e de suas famílias (Melo, 2010). O inquérito, publicado na obra “documentário do Nordeste” teve grande destaque regional e inaugura as pesquisas do autor.

Nessa obra já temos a síntese daquela que seria a tônica de Josué ao longo de todas as suas obras: A fome, elemento que destrói e fragiliza ao extremo os indivíduos tem por causa elementos sociais e não são o destino de um contingente populacional e nem possuem relação com as etnias locais, para Josué o flagelo da Fome precisa ser identificado e enfrentado a partir de suas múltiplas causas. Nesse sentido Josué em “Documentário do Nordeste” afasta qualquer ideia determinista para o baixo rendimento laboral dos trabalhadores: “Não é mal de raça, é mal de fome” (1937).

Como as demais obras de Josué sua análise vai além da mera questão quantitativa é preocupação central do estudo a qualidade e variabilidade dos gêneros consumidos pelas famílias. Importante observação no inquérito é quanto à dificuldade

de acesso pelo viés financeiro, mas também pelo desconhecimento de noções básicas de nutrição por parte da população analisada.

Josué de plano identifica um déficit ocasionado pela baixa renda das famílias e a impossibilidade de se comprar todo o necessário para o sustento de seus integrantes e ainda verifica que das 3.000 a 4.000 calorias que idealmente devam ser consumidas às famílias à época tem acesso apenas a 1.645. Esse déficit calórico suficiente tão somente para manter vivos os indivíduos e a alimentação absolutamente carente nutricionalmente serão também enfocados em obras futuras do autor. Como Josué mais tarde trabalhará: é a fome oculta, que não mata imediatamente o indivíduo, mas o debilita permanentemente (Castro, 2022).

A conclusão do relatório aponta ainda que tal nível de carência propicia uma alta mortalidade para a população de Recife e o incremento na incidência de doenças infectocontagiosas tais como a tuberculose. Conclui-se o inquérito com a sugestão de criação de um plano de combate à má alimentação, ideia avançada para o seu tempo por priorizar um combate holístico da fome e não apenas a distribuição de alimentos.

Nesse estudo inaugural, que originou o pequeno artigo acima descrito, encontraremos as bases da teoria da fome de Josué. Não há, ainda nessa obra, análise de conjuntura internacional ou mesmo a questão da ocupação e uso da terra. Esse trabalho de Josué concentra-se efetivamente na disparidade entre os preços dos alimentos e a renda média dos trabalhadores que aliados a um total desconhecimento dos elementos nutricionais acabam por condenar essa população à fome.

O Inquérito é referenciado e citado por Josué em “Geografia da Fome” e em “Geopolítica da fome”. Este estudo subsidiou a teoria de Josué com dados importantes e serviu por vezes como exemplificação da disparidade entre a renda auferida pelos trabalhadores e a renda efetivamente necessária para uma alimentação nutricionalmente adequada.

1.4. A Campanha pelo Salário Mínimo.

Esse primeiro estudo de Josué, na forma de inquérito, conclui pela consequente necessidade de se estabelecer um mínimo de remuneração para que a classe trabalhadora pudesse ter acesso à alimentação adequada. Nesse sentido o estudo de Josué é exemplar em demonstrar que a remuneração dos trabalhadores em Recife, à

época, é insuficiente para o consumo das calorias, nutrientes e bens essenciais, portanto, elemento central para o enfrentamento da questão.

“As condições de vida da classe operária de Recife: um estudo econômico da sua alimentação” subsidiou as campanhas pelo salário mínimo (Batista Filho, 2008) e foram estudos relevantes para a proposta, debate pela sociedade e efetivo implemento do salário mínimo durante o governo de Getúlio Vargas.

Mais importante do que a análise se a obra de Josué influíra ou não na criação do salário mínimo é observarmos que o autor representa através de seu pensamento aquelas que seriam também as bases do decreto que instituíra a remuneração mínima. De acordo com o próprio Decreto-lei 2162/1940²:

Art. 1º Fica instituído, em todo o país, o salário mínimo a que tem direito, pelo serviço prestado, todo trabalhador adulto, sem distinção de sexo, por dia normal de serviço, como capaz de satisfazer, na época atual e nos pontos do país determinados na tabela anexa, às suas necessidades normais de alimentação, habitação, vestuário, higiene e transporte.

Entende-se, portanto, que atento ao movimento político de seu tempo Josué já estava em sua produção acadêmica analisando os grandes assuntos do debate nacional. A questão do trabalho, remuneração, necessidade de se adequar a renda do trabalhador aparecem no inquérito desenvolvido pelo autor e também são elementos essenciais para a instituição dessa importante política social. À luz do pensamento desenvolvido por Josué que desmistificou e antecipou diversos debates nacionais a falta de renda como impeditivo para uma vida digna e consequentemente adequada nutrição foi um dos primeiros objetos de estudo do autor.

Nesse ponto, e a partir do inquérito desenvolvido pelo autor temos uma análise da fome centrada em dois fatores: a falta de renda para consumo dos bens necessários a uma adequada nutrição e a falta de conhecimento das populações proletárias sobre micro e macronutrientes necessários para a sua correta manutenção nutricional. (Castro, 1968)

1.5. Geografia da Fome. O primeiro clássico do autor.

² <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-2162-1-maio-1940-412194-publicacaooriginal-1-pe.html>

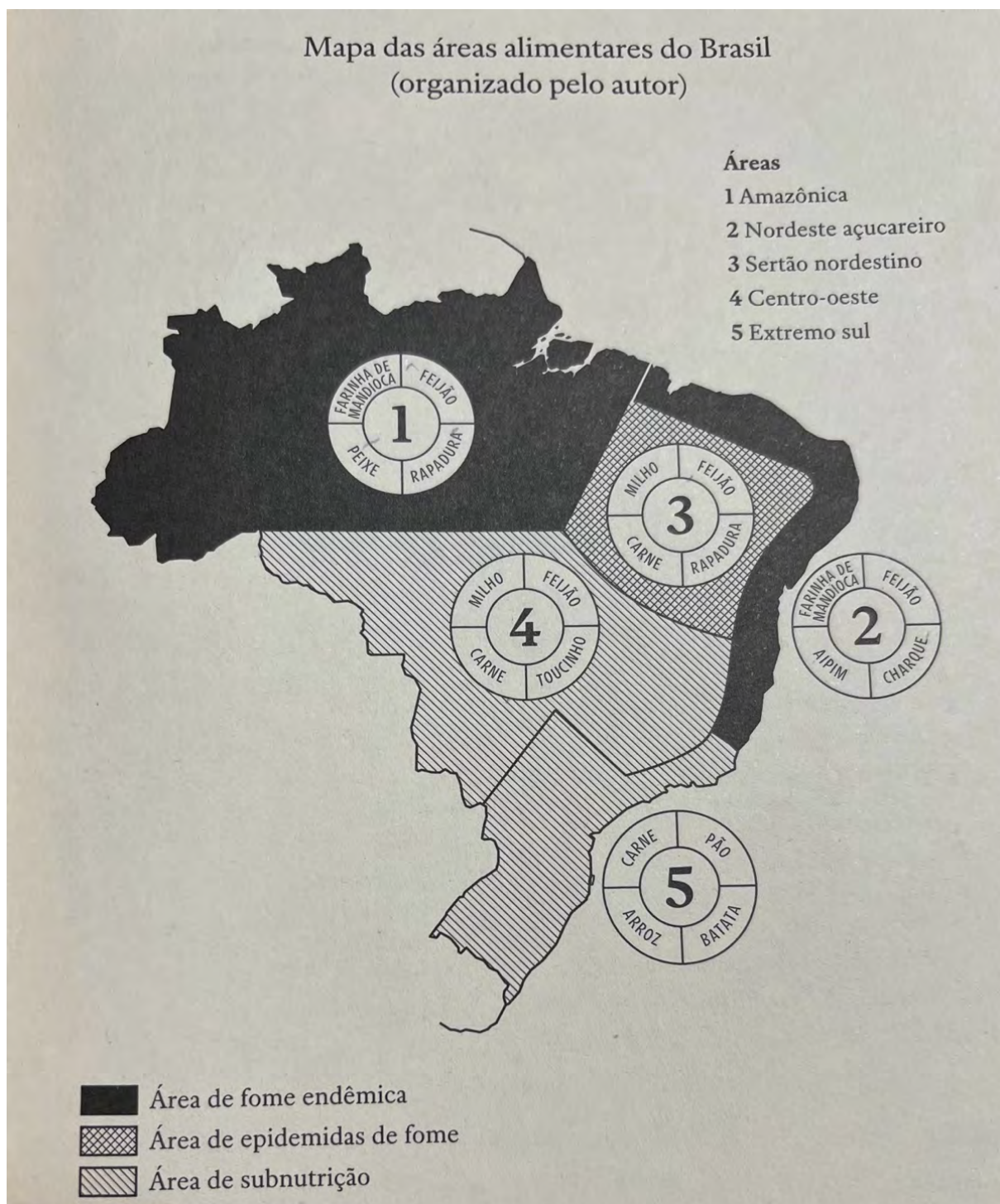
Este é o grande clássico do autor, sua obra de maior vulto e que lhe rendeu o grande destaque e prestígios nacionais e internacional. Trata-se da obra em que Josué subdivide o Brasil em cinco grandes áreas: amazônica, nordeste açucareiro, sertão do nordeste, centro-oeste e extremo sul.

Milton Santos, geógrafo brasileiro de destaque escreve a apresentação desta obra e de plano introduz Josué de Castro como grande pioneiro da geografia humana. Em síntese repete os conceitos de fome apresentados por Josué e também utiliza a apresentação para dar enfoque a outra obra do autor “Geopolítica da Fome”. Milton Santos aponta o pioneirismo de “Geografia da Fome” e o sucesso que esta obra alcançou internacionalmente juntamente com a projeção de seu autor.

A obra, lançada em 1946 e posteriormente atualizada se tornou referência ao analisar a mazela social da fome no Brasil. O grande mérito do autor fora apresentar ao Brasil e ao mundo não apenas a óbvia constatação de que havia fome nas mais diversas localidades do país, mas de construir um verdadeiro panorama informativo sobre a fome, os nutrientes que cada população carecia, a forma de se solucionar o problema e o que causara historicamente tal chaga.

Em sua introdução o autor introduz apresentando seu método de pesquisa, o geográfico, e o aponta como o único método capaz de interligar o fenômeno da fome com as manifestações econômicas e sociais da vida das populações. Nesse ponto faz uma digressão sobre a geografia a qual se refere e explicita pelos autores citados se tratar da Geografia moderna e exemplifica seus autores: Ritter, Humboldt, Jean Brunhes, Vidal de La Blache, Griffith Taylor e outros.

É com base nos princípios fundamentais da Ciência Geográfica, também elencados por Josué que o autor pretende um estudo “ecológico” do tema, não na acepção moderna a qual nos acostumamos a ler esse termo, mas com seu significado originário, nas palavras do autor: “estudo das ações e reações dos seres vivos diante das influências do meio” (2022).

Imagem 1 – Mapa de organização das áreas alimentares do Brasil³

A obra de Josué parte das subdivisões geográficas chamadas pelo autor de áreas alimentares que combinadas com as culturas locais e as fontes de alimentação predominantes tratam por apresentar a modalidade de fome que o autor identifica

³ Geografia da fome. O Dilema Brasileiro: pão ou aço, pg. 47

predominantes em cada área: endêmica, epidêmica e subnutrição. Ao longo da obra o autor irá trabalhar e conceituar aquilo que entende por fome e suas manifestações. O conceito de fome é apresentado por Josué em suas diversas obras, de forma didática e basicamente se divide em duas formas: fome crônica e fome aguda.

Josué de Castro nos apresenta a fome como um conceito com múltiplos significados: a fome aguda/violenta, aquela dos esqueléticos, do déficit absoluto de nutrientes combinado com o déficit de calorias. Essa fome, segundo o autor, é aquela que fará sucumbir o indivíduo em pouco tempo. Ela se manifesta, majoritariamente, de forma episódica e normalmente faz sucumbir muitas pessoas em curto período. Como exemplo o autor apresenta a fome verificada nos campos de concentração nazista no pós-guerra (Castro, 1957)

A fome crônica ou parcial, mais comum ao longo da história, é aquela em que há carência de nutrientes específicos, Josué, médico e especialista em nutrição identifica as carências e seus efeitos no organismo das pessoas. É interessante observar que a fome crônica por vezes ocorre em indivíduos alimentados, porém de forma nutricionalmente precária ou imperfeita. Nas palavras de Josué de Castro:

“... em seus regimes habituais, grupos inteiros de populações se deixam morrer lentamente de fome, apesar de comerem todos os dias” (Castro, 2022, pg. 25).

Um dos exemplos da fome crônica apresentado pelo autor em geografia da fome é o caso de algumas crianças da região nordeste do Brasil habitantes de áreas açucareiras. Alimentadas frequentemente com açúcar acabam por apresentar peso corporal adequado ou mesmo superior àquele esperado para sua idade, porém ao exame físico apresentam sinais de enfraquecimento pela falta de nutrientes essenciais e constatação de que seu peso é em grande parte derivada de uma retenção hídrica em seus organismos derivada da subnutrição (Castro, 2022).

Mais do que tratar do fenômeno isoladamente ele é revelado de forma ampla com multiplicidade de causas e com diversas implicações distintas à saúde humana, a depender dos nutrientes escassos na alimentação de cada população (Castro, 2022). Geografia da Fome inaugura um método de pesquisa e este mesmo método será replicado por Josué nas suas obras subsequentes modificando-se, entretanto, as áreas analisadas.

Um dos pilares das obras de Josué e de sua produção acadêmica é o combate aos ideais neomalthusianos de sua época (Mendonça, 2023). É feroz a sua crítica ao determinismo dos autores clássicos sobre o tema da fome. Em “Geografia” o autor também rompe com qualquer ideia de determinismo racial ao afirmar categoricamente não haver superioridade ou inferioridade racial.

Do capítulo sobre o Nordeste açucareiro o autor traz importantes reflexões sobre as monoculturas. Ao analisar o impacto da cultura de cana de açúcar na economia e como fator gerador de fome no campo. “A monocultura é uma grave doença da economia agrária” (Castro, 2022).

Geografia da fome foi ao seu tempo a grande obra a abordar o tema da fome e permanece atual pois apresenta ao leitor a teoria de que a fome é uma construção social, fruto de um percurso histórico, este pensamento embora de fácil constatação nos dias de hoje é inovador para sua época e rompe com os ideais neomalthusianos em voga até então. Cabe ressaltar que em “Geografia da Fome” a questão internacional aparece, porém ainda de forma residual.

O tema do imperialismo e do internacional, surge já em Geografia da fome mas serão ambos trabalhados mais fortemente em sua obra posteriormente publicada, Geopolítica da Fome (1951), esses conceitos são mobilizados como justificantes do sistema que causa fome no mundo ainda de forma embrionária na primeira obra mas com grande destaque em geopolítica e nas obras seguintes. É possível constatar que Josué não possui uma teoria do imperialismo ou do internacional, mas mobiliza tais conceitos de forma a embasar suas ideias sobre reforma agrária, uso de terras e estruturação de monopólios nas periferias do capitalismo.

O autor também retoma em “Geografia da Fome” o inquérito de 1932 e reforça o argumento e a conclusão obtida quando daquele estudo. Para Josué a situação da época do estudo era de um “salário de fome” situação que admite estar menos impactante por conta das políticas legais de majoração salarial quando da época em que escrevera geografia. O autor não deixa de observar que juntamente com os salários também encareceram “a carne, o leite e os ovos” continuando assim inacessíveis para o trabalhador rural da zona açucareira.

Em 2021 a obra seminal completou seus 75 anos. Diversos seminários, debates e o relançamento, através de nova edição da editora, todavia, foram realizados. A obra foi celebrada e debatida gerando inclusive novas obras como: “Da

fome a Fome: diálogos com Josué de Castro” organizado pelas pesquisadoras Tereza Campello e Ana Paula Bortoletto.

Da Fome a Fome é uma obra que reúne diversos artigos sob a organização das pesquisadoras anteriormente citadas deriva de um seminário realizado pela cátedra Josué de Castro (USP) em 2001. A obra mais do que uma celebração do autor lança atualizações e atualiza para nossos dias as questões apontadas por Josué.

Neste primeiro capítulo buscou-se demonstrar a trajetória seguida pelo autor que culminaria na sua grande obra, ainda hoje a mais rememorada e celebrada inclusive em publicações renovadas. Ressalta-se que Geografia da Fome é a obra de destaque, com edições comemorativas e atualizadas e sobre a qual diversos autores se debruçaram ao longo do tempo marcada pela sua atualidade.

A abordagem deste capítulo inicial foi importante para a pesquisa pois é a partir dele que se apresentam os conceitos essenciais das obras do autor, sua apresentação do tema da fome e demais elementos que serão abordados posteriormente ao longo de toda a sua produção acadêmica e atuação política. São obras destacadas deste período, como anteriormente apresentado: As condições de vida da classe operária de Recife: um estudo econômico da sua alimentação e Geografia da fome.

2. Geopolítica da Fome. O Homem de Estado - FAO e atuação como deputado federal.

Neste segundo capítulo é abordada a fase mais politicamente ativa de Josué de Castro e consequentemente o tema do internacional, marcadamente do imperialismo e do colonialismo surgem com grande força e são empregados de forma destacada pelo autor tanto em suas obras quanto em seus discursos.

A primeira obra a ser analisada é justamente aquela onde o autor trabalha de forma inicial e mais profunda o tema da fome sendo essencial para entender sua visão acerca do imperialismo e do colonialismo. Em Geopolítica da fome, pela própria extensão de sua pesquisa, é abordado de forma intensa as influências que os temas internacionais exercem internamente para a manutenção ou agudização dos processos que acarretam a fome.

A eleição do autor para a presidência do conselho da FAO, papel pela primeira vez desempenhada por um brasileiro também marcam a internacionalização máxima

da atuação de Josué de Castro. Com seu retorno para o Brasil e eleição para deputado federal serão analisados, por ordem temática e cronológica os discursos de Josué de Castro gravados nos anais da Câmara dos deputados.

Os referidos discursos muito relacionados à temática do internacional e com críticas contundentes ao imperialismo dos países centrais servirão para trazer a dimensão do autor para além da academia sobre o tema do internacional e do imperialismo e sua dinâmica para a fome e pobreza vistos em todo o globo.

2.1. Geopolítica da fome. A extrapolação de seu método para todo o mundo.

Após o grande sucesso de “Geografia da Fome” o autor é instado por editores norte-americanos a escrever uma obra que tratasse da fome ao redor do mundo. Em 1951, Josué de Castro lança “Geopolítica da Fome” livro que, utilizando-se das mesmas categorias de “Geografia da fome” realiza verdadeiro inventário da fome no mundo. Geopolítica da fome é dividido em dois volumes e aborda detalhadamente os continentes e sub-regiões do globo.

Cabe destacar que o livro fora lançado em diversas edições mundiais tendo sido prefaciado por expoentes de sua época. São eles: o professor Max Sorre da Universidade de Sorbonne, a Sra. Pearl S. Buck prêmio Nobel de literatura e Lord John Boyd Orr, prêmio Nobel da paz e antecessor de Josué na FAO. As ilustres presenças de tais laureados comentadores dão a dimensão da projeção internacional já obtida por Josué de Castro à época. Max Sorre, geógrafo e expoente da Geografia ecológica (Moreira, 2003), Lord John Boy Orr, laureado com o prêmio Nobel da paz justamente pelo seu trabalho sobre nutrição e as implicações de sua deficiência entre as camadas mais pobres da população. (Orr, 1943). Pearl S. Buck, Nobel de literatura era a seu tempo destacada autora e perita sobre a China.

Embora atualmente seja um livro de difícil acesso uma vez que não é editado recentemente como seu predecessor ele apresenta um viés importante para a pesquisa ora realizada: é nesta obra em que o autor primeiro trabalha o campo do internacional, notadamente o imperialismo e o colonialismo. É na análise das causas da fome ao redor do mundo e ao final do segundo volume, em que o autor apresenta soluções, que teremos a apresentação mais consistente dos efeitos das ingerências

externas sobre as produções locais e como tal movimento acarreta a fome ao longo do período por ele analisado.

Na terceira parte de seu segundo volume, intitulada “um mundo sem a fome” Josué aponta de que forma poderia ser resolvido de forma estruturada o problema. Cabe destacar que o autor defende de forma consistente ser possível eliminar o problema da fome a nível global e para isso exorta a uma colaboração entre os países e que as relações internacionais sejam direcionadas à superação da fome.

“Para extirpar a fome da superfície da Terra, é necessário, pois, levantar os níveis de produtividade dos povos ou grupos marginais, integrando-os, através do progresso econômico, na comunidade internacional” (Castro, 1957, vol.2, p. 496).

Analisando-se o uso que o autor faz do imperialismo e da influência internacional no debate da fome temos que não é sua intenção de ser um autor do internacional ou de formular uma teoria do imperialismo. O tema é presente e repisado em diversos capítulos de “Geopolítica da Fome” e embora seja um dos elementos basilares dos quais se utiliza para explicar a dinâmica da fome certo é que não há um aprofundamento mais detalhado do tema ou preocupações com estabelecimento de uma doutrina sobre o assunto.

Na apresentação de “Geografia da Fome” escrita por Milton Santos há referências à “Geopolítica” e o faz exaltando justamente o aspecto internacional, nas palavras do geógrafo: “Esse é um momento histórico crucial, quando o imperialismo é levado a esgotar todos os seus trunfos para alicerçar a conquista do mundo. Mas é, também, felizmente, uma época na qual havia, por outro lado, uma enorme solidariedade internacional graças à qual as teses de Josué de Castro puderam ganhar uma amplitude que lhe trouxe uma merecida reputação e um grande número de seguidores em todos os continentes.”

Geopolítica da fome é uma obra onde se verifica um maior aprofundamento, reflexão e amadurecimento do autor na questão internacional e mesmo na conceituação da fome. Obra escrita em dois volumes e posterior a “Geografia da Fome” ela possibilitou um aprofundamento em temas pouco explorados em seu grande clássico. O uso do imperialismo como categoria justificante da fome embora já apareça ainda sofrerá influências nas obras posteriores do autor. A inovação da

obra em relação à Geografia não se trata apenas do aumento da área espacial analisada, mas à demonstração contundente de que fome possui causas eminentemente política.

A atuação de Josué possui como elemento constante o forte combate ao neomalthusianismo dominante à época de suas publicações e atuação política. Josué rompia com os padrões da ciência de sua época e de forma inovadora para seu tempo advoga que a fome não era consequência natural ou o destino de um povo, mas fruto de disparidades econômicas e sociais no âmbito interno e internacional graves.

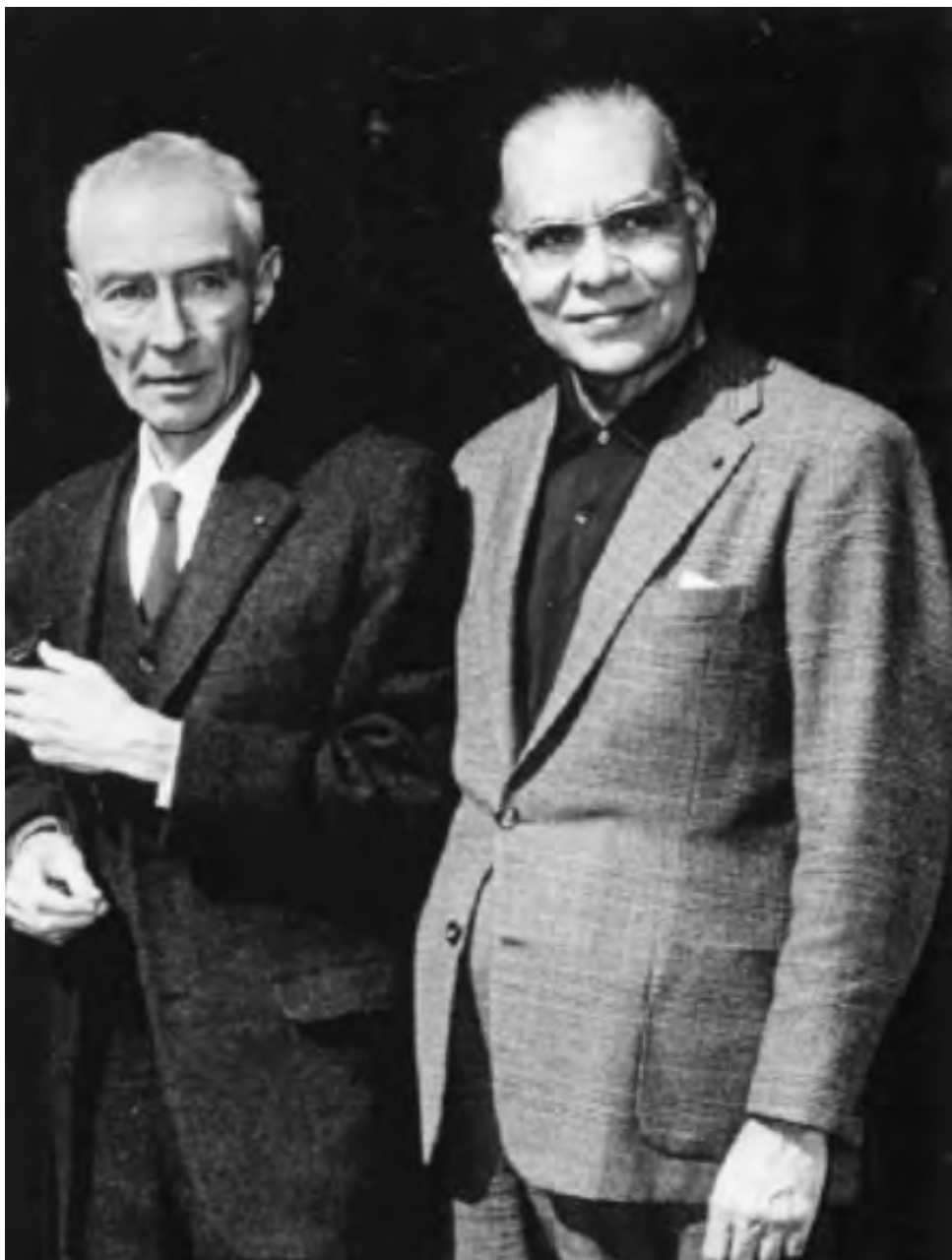
Outro ponto importante em suas obras é o paralelo, diversas vezes evocado, entre fome e guerra. Nesse sentido de forma explícita: “A fome e a guerra não obedecem a qualquer lei natural. São, na realidade, criações humanas.” (Castro, 1957, Vol.1, pg. 63). A teoria de que as populações humanas sempre cresceriam em velocidade superior à capacidade produtiva de alimentos é sistematicamente desmontada por Josué em suas obras. Dessa forma conclui serem essas criações humanas fruto das desigualdades e do acúmulo de riquezas:

“...a fome e a guerra só surgiram depois que o homem alcançou um grau de cultura em que começou a acumular reservas e a estabelecer fronteiras defensivas de suas riquezas acumuladas, isto é, quando começar as dificuldades criadas pelo homem quanto à distribuição das riquezas produzidas” (Castro, 1957, Vol.1, p. 63).

É perceptível, no trecho anteriormente destacado, que para Josué a gênese da fome, e também da guerra está justamente no capitalismo e no acúmulo das riquezas e capital por alguns em detrimento dos demais. Essa lógica aplicada ao Internacional irá justamente subsidiar a teoria sobre a causa da fome e também perpassará a solução prevista pelo autor: Solidariedade entre as nações para o fim da guerra e o desenvolvimento de um mundo sem Fome.

É o rompimento com as teorias neomalthusianas que fazem com que o autor busque justificantes outros, que não a natureza ou a simples equação entre alimentos e produção, para embasar a sua teoria. Nesse sentido, mesmo sem ter uma teoria do imperialismo traz o autor o tema como um fator, na ordem internacional a influenciar os países subdesenvolvidos impedindo que consigam se emancipar totalmente e conduzir suas políticas de forma a combater eficazmente o problema da fome.

Imagem 2 - Josué de Castro e J. Robert Oppenheimer "pai da bomba atômica"⁴



O paralelo entre a Fome e a Guerra é muito comum nas obras de Josué, seja atribuindo ao intelecto humano ambos os flagelos seja identificando que para sua superação apenas uma governança global organizada e supranacional poderia efetua-las. Também acreditava que a ciência deveria ser utilizada para o progresso humano e criticou com veemência as disparidades orçamentárias entre as iniciativas voltadas à superação da fome e os dispêndios da corrida armamentista.

⁴ Josué de Castro: Por um mundo sem fome”, autor: Francisco Reginaldo de Sa Menezes. São Paulo, Mercado Cultural, 2004

A natural aversão de Josué à guerra não o impediu de encontrar e planejar com outro renomado cientista, inventor da bomba atômica, a criação de uma universidade voltada ao progresso humano. Em correspondência privada para sua filha, já durante seu exílio, escreveu⁵:

“Em decorrência de meu encontro com Robert Oppenheimer, nos Estados Unidos, surgiu a ideia de criarmos uma universidade voltada para o desenvolvimento.”

A crítica profunda de Josué às teorias derivadas das ideias de Malthus são um capítulo a parte de suas obras e vão além da constatação de que suas premissas são falsas. Ao analisar os autores neomalthusianos e suas obras Josué verifica que coincidentemente essas teorias tem maior acolhida nos países historicamente beneficiados pelo imperialismo. Nesse sentido questiona o autor:

“Procuraremos verificar, à luz de dados objetivos e de fatos biológicos e sociais, se os fabricantes de fome são realmente os próprios famintos... ou os apreciadores das teorias malthusianas – os defensores e os aproveitadores da economia de tipo imperialista” (Castro, 1957, Vol. 1, p. 67)

Analisando a estrutura fundiária e dinâmicas de exportação da América Latina e Brasil o autor migra dos diagnósticos para a solução dos problemas. É numa crítica contundente à acumulação de terras e às monoculturas agroexportadoras que o autor aponta para a solução definitiva do problema da fome: Reforma agrária adequadamente realizada e terras voltadas à produção alimentar.

“Monocultura e latifúndio constituem dois dos maiores males do continente, que entravam de maneira terrível seu desenvolvimento agrícola e conseqüentemente, suas possibilidades de abastecimento alimentar” (Castro, 1957, Vol.1, p. 190).

Ao analisar o caso da China continental o autor se aprofunda em temas caros ao internacional e aborda com mais veemência o imperialismo e de que forma este atua para a construção da fome, fruto das desigualdades sociais, nos países periféricos. É nítido que Josué enxerga na dinâmica desigual dos países um elemento essencial para a perpetuação da fome e soma a esta visão a colonização dos sistemas

⁵ <http://geografiadafome.fsp.usp.br/carta-de-anna-maria-de-castro-em-homenagem-ao-pai/>

alimentares para concluir pelas causas que constroem hábitos alimentares desregulados de nutrientes.

Josué em diversas passagens desta e de outras obras aborda uma “simplificação” das dietas e uma pauperização dos costumes como responsável pelo déficit não apenas de calorias, mas de sais mineiras e nutrientes essenciais. Verifica-se que da expansão capitalista e da homogeneização das dietas surgem dificuldades para populações que ao abandonarem seus hábitos ditos “primitivos” passam a enfrentar graves carências alimentares que anteriormente desconheciam.

O caso da China torna-se emblemático ao analisar os números pré e pós revolução de 1949. E Josué o faz descrevendo a China nos dois momentos. China pré-revolucionária:

“Na história da China, durante o ultimo século vemos as potências imperialistas levantando sempre todas as dificuldades aos planos de reforma agrária capazes de intensificar a produção de alimentos e aos planos de industrialização do país que viriam a mudar a expressão econômica do mesmo. Tendo determinado, com suas influências a desorganização das velhas formas de estrutura econômica, sem promover paralelamente o desenvolvimento industrial da região as potências ocidentais agravaram de muito a situação de fome na China, porque intensificaram a pressão agrícola do país e a extrema fragmentação do cultivo do solo” (Castro, 1957, Vol.2, p. 296).

China e processo revolucionário o sentimento de seu povo:

“O sucesso da Revolução comunista na China, a meu ver, é consequência de que os seus objetivos no terreno pratico vão ao encontro das mais profundas aspirações daquele povo, a de libertar-se da fome, produto da exploração imperialista do solo daquela região. Aspiração mais do que humana, mas que sempre lhe foi negada de maneira desumana” (Castro, 1957, Vol.2, p. 300).

Ao finalizar Geopolítica da Fome, Josué trata de apresentar soluções e caminhos para a superação da fome, não somente superação da fome, mas para a construção de novos padrões sociais para a economia global, mais fraternos, mais focados no desenvolvimento coletivo da humanidade e voltados para a emancipação do homem. Como se percebe as prescrições são amplamente positivas e o autor se demonstra um otimista das melhorias de condições de vida da população mundial.

2.2. Aproximação com o trabalhismo, Josué e o PTB de Getúlio Vargas

Politicamente Josué se posicionou próximo ao trabalhismo nacional desenvolvimentista de Getúlio Vargas. Embora tenha se candidatado em 1950 a

deputado federal não conseguiu se eleger. Foi então nomeado em 1951, através de decreto presidencial, para compor a comissão nacional de alimentação. Criada com características eminentemente técnicas a comissão tem, logo em seguida, seu escopo alargado e passa a ter funções de Comitê nacional de Organização e Alimentação e Agricultura da ONU. Essa atuação seria essencial para que futuramente Josué representasse o Brasil na FAO (Amorim, 2018)

A candidatura e atuação de Josué de Castro no PTB se deu já após sua consolidação como autor da fome no Brasil. Sua atuação acadêmica e profissional e sua denúncia da fome no Brasil e ao redor do globo alavancam sua inserção na imprensa e atraem o partido governista para o lançamento de sua candidatura.

O Partido Trabalhista Brasileiro, sigla do presidente da república recém eleito Getúlio Vargas, tinha destacada atuação nacionalista (Amorim, 2018) e se destacava pela defesa de um modelo intervencionista, nacional-desenvolvimentista. Os governos Vargas do Estado Novo (1937-1945) e a defesa de um Estado que proativamente interferisse nas questões sociais o aproximam dos ideais consistentemente defendidos pelo intelectual Josué de Castro ao longo de toda a sua carreira e acabariam por aproximar o autor segundo governo de Vargas.

É inegável que durante o Estado Novo surgem inovadoras políticas sociais de combate a fome e à carestia (Graziano, Belik, Takagi, 2001). Rompendo-se com o movimento anterior de aceitação da fome como um problema natural o novo regime instalado pós-revolução de trinta cria uma série de políticas públicas visando sanar o problema.

Como dito anteriormente em 1945 é criada a comissão nacional de alimentação onde Josué é alocado e passa a presidi-la, posteriormente a referida comissão é convertida em comitê de combate a fome, relacionado à ONU, e passa a ter função internacional (Amorim, 2018), passa a se chamar: Comitê Nacional de Organização e Alimentação e Agricultura das Nações Unidas. Neste momento a atuação do autor passa a ser focada no problema da fome no Brasil e no mundo. Essa atividade é a internacionalização da atuação do autor.

A esta altura a obra de Josué e sua atuação acadêmico-política já inspira o governo de Vargas no enfrentamento à fome. É com base na sua obra seminal, *Geografia da Fome* (1946) que este problema é encarado e objeto de políticas públicas. Interessante observar que a Fome, flagelo apontado por Josué como um dos

elementos que “deterioram a alma dos homens” (2022) também é encarada pelo governo Vargas como um desafio nacional.

Em sua primeira candidatura, portanto, não é eleito, e em parte se atribui tal resultado ao fato de ter disputado eleição como representante de Pernambuco quando morava há alguns anos no Rio de Janeiro (Amorim, 2018). Apesar do aparente insucesso inicial Josué teve a sua vida permeada por atuação política relevante e destacada, reconhecido pela sua produção intelectual e acadêmica e grande referência no seu tema de escolha.

Josué de Castro, portanto, apesar da primeira derrota eleitoral revelou-se figura importante para a formulação de políticas públicas nos anos democráticos de nacional-desenvolvimentismo. Após o primeiro insucesso eleitoral aproximou-se da família Vargas e passou a exercer funções dentro da burocracia estatal (Leme, 2023).

Castro e Alzira Vargas atuaram juntos e mantinham contato sobre assuntos relacionados à temática da alimentação. Ambos fundariam a Comissão Nacional de bem estar social (CNBS), presidida pelo Ministro responsável e tendo por vice presidentes justamente Josué e Alzira (Leme, 2023).

Imagem 3 - Josué de Castro e Getúlio Vargas⁶



Imagem 4 - Josué de Castro e Tancredo Neves⁷



2.3. Eleição para a FAO e atuação internacional. Reconhecimento pela atuação acadêmica.

A Agência das nações unidas para a alimentação e Agricultura (FAO) entidade internacional criada no contexto do sistema ONU, é fruto de intensos debates no campo do abastecimento alimentar, debates que se intensificando no imediato pós 1945 e que culminam na criação da referida entidade. Posteriormente vindo a ser sediada em ROMA e cujo lema, em latim, é *Fiat Panis*⁸. Sua criação data de 16 de outubro de 1945 e desde então a agência atua de forma ininterrupta pela erradicação da fome e combate à pobreza e auxílio à agricultura ao redor do mundo.

⁷ Disponível em: <https://www.elfikurten.com.br/2012/06/josue-de-castro-e-geografia-da-fome.html>

⁸ Haja pão.

É na conferência de Quebec que a instituição é formalizada e passa a agir de forma independente. John Boyd Orr, médico escocês e estudioso das questões nutricionais se torna seu primeiro Diretor Geral após décadas de atuação e discussões sobre a necessidade de uma agência dedicada ao tema (Lira, 2018). Em seu artigo “Boyd Orr e Josué de Castro: as propostas para uma outra FAO” José Graziano, ele mesmo ex-diretor Geral da FAO, faz uma análise dos pontos de contato entre Boyd Orr e Josué e como ambos tentaram imprimir à FAO uma configuração diferente daquela que prevaleceu a seu tempo e se perpetuou até nossos dias.

Josué de Castro e John Boyd Orr possuem ambos muitos pontos de interseção em sua trajetória. A formação médica, comum aos dois currículos, bem como a atuação voltada para a temática da superação da pobreza e da fome e mesmo a realização de inquéritos alimentares entre as populações de seus países são pontos que unem ambas as trajetórias.

Para Graziano (2023) a FAO idealizada por Orr e Castro teria por foco um maior poder regulatório e de operação sobre os excedentes agrícolas de seus membros. Essa visão também fora defendida por Castro ao longo de seus discursos na câmara dos deputados. Quando da análise, em discurso proferido no parlamento da câmara dos deputados, comentou o programa “Alimentos para a paz” de iniciativa do governo americano e sugere que o controle dos estoques alimentares por uma entidade supranacional seria mais efetivo no combate à fome.

De sua análise José Graziano (2023) conclui que a visão prevalente fora a de criar o que chama de “*FAO Adviser*” uma agência voltada para assessoria e assistência técnica aos países subdesenvolvidos em detrimento do órgão mais intervencionista e pró ativo inicialmente idealizado por Orr e Castro.

A carreira de Josué, sua atuação acadêmica, política e principalmente sua atuação na presidência do Conselho da FAO foi responsável pela sua projeção internacional e também pela atuação de Josué internamente nas questões políticas nacionais. É preciso perceber a dimensão inédita de sua eleição e a projeção que seu nome alcança tanto no plano interno quanto internacionalmente. A partir da sua atuação na instituição também se percebe uma análise mais realista das relações internacionais e suas implicações para a dinâmica da pobreza e da fome mundiais. A figura antes otimista e esperançosa de um mundo voltado à superação de seus grandes problemas - fome e guerra - dá lugar a uma visão mais realista que passa a

ver no cenário internacional de disputa uma das causas para os flagelos humanos (Castro, 1965).

Ao cotejarmos as obras de Josué, escritas em período anterior à sua atuação na FAO, com seus discursos proferidos na câmara dos deputados (após o seu retorno), verificamos que as esperanças do autor na concórdia internacional para o enfrentamento do tema praticamente não estão presentes quando este verifica a atuação dos países centrais em relação as nações subdesenvolvidas.

Com base em seus discursos na câmara dos deputados fica claro que a eleição para o conselho da FAO representa também uma quebra de paradigma e uma virada na própria instituição, trata-se do primeiro presidente do conselho vindo de uma nação não desenvolvida. A atuação de Josué, conforme se percebe de seus discursos e se apura de comentadores é focada na integração entre os povos e se baseia em uma abordagem mais estrutural do problema, ciente de que o problema da fome é multifatorial e que a simples distribuição de alimentos não seria o meio adequado para o combate estruturado do problema Josué busca nas nações de “terceiro mundo” uma integração capaz de prover desenvolvimento e prosperidade para tais povos.

Posteriormente Josué observa ter aquela instituição se tornado uma agência da ONU majoritariamente composta por membros de países periféricos. Declaradamente saúda o engajamento das nações subdesenvolvidas na organização. Essa percepção da maior inserção dos países que efetivamente encaram o problema da fome é celebrada pelo então ex-presidente do conselho da FAO em discurso proferido na câmara dos deputados ao comentar brevemente sua participação em um dos fóruns da entidade (Castro, 1961g).

É importante observarmos que Josué ao se aproximar politicamente do trabalhismo e do nacional desenvolvimentismo já era a seu tempo uma autoridade reconhecida localmente e internacionalmente e com livros editados em diversos países. Sua carreira acadêmica já estava consolidada e suas obras editadas em diversas línguas para além do português e não apenas nas nações mais desenvolvidas, mas também nas ditas periferias globais.

A atuação política do autor, revelada através de inúmeros discursos por ele proferidos na câmara dos deputados demonstram uma preocupação genuína com temas que, embora tangenciem a temática da fome, estão inseridos em assuntos mais afeitos ao desenvolvimento do Brasil, cooperação entre os povos e destacadamente o panamericanismo, combate à polarização política e defesa da democracia. Esses

temas, caros ao Josué de Castro político também aparecem em suas obras e trajetória acadêmica.

É importante fazer o adendo de que as atribuições da presidência do conselho da FAO não se confundem com as atribuições do Diretor Geral. José Graziano (2023) faz este esclarecimento com a propriedade de quem exerceu o múnus de diretor geral e esclarece ser da direção geral as funções executivas e, portanto, funções que demandam dedicação quase que exclusiva por parte de seu exercente. A função de presidente do conselho, por seu turno, função desempenhada por Josué, tem por atribuição a organização das reuniões do conselho e, portanto, poderiam ser desempenhadas por estadias em Roma e não em tempo integral.

O desempenho de Josué no primeiro biênio como presidente do conselho o faz ser reeleito e Graziano demarca que sua atuação foi pautada para a expansão e consolidação da FAO como uma agência com poderes de regular e distribuir excedentes proativamente, com poder de se antecipar aos problemas agudos e construir soluções duradouras para a questão do subdesenvolvimento e da fome. Essa posição, posteriormente, não encontra eco entre as grandes potências e em especial os EUA e Inglaterra.

2.4. Retorno ao Brasil. Candidatura e Eleição. Análise de seus discursos na Câmara dos deputados.

É eleito deputado federal, por duas legislaturas, representando Pernambuco pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Partido criado por Getúlio Vargas em 1945 e de forte viés nacional-desenvolvimentista. Exerce seu primeiro mandato de 1955-1959 e seu segundo mandato de 1959-1963 quando renuncia para exercer funções internacionais como representante do Brasil. Este período abrangido pelas legislaturas será, como veremos nos discursos, de intensos debates e conflitos políticos no Brasil.

Em 1957 cria a Associação Mundial pelo combate à fome (ASCOFAM), associação que tinha por objetivo a união de esforços internacionais para o combate à fome (Nascimento, 2023). Josué exerce sua presidência e a entidade tem por objetivo a elaboração de estudos e o fortalecimento do debate sobre a temática da

fome. Esse período é muito profícuo e dedicado ao estudo de questões práticas voltadas ao nordeste brasileiro (Lira, Feldhues, 2018)

Imagem 5 - Embalagem de farinha de mandioca fortalecida distribuída no Nordeste brasileiro pela ASCOFAM⁹



Da análise de seus discursos conclui-se que a atividade política de Josué teve como grande mote sua causa de uma vida, a identificação e combate a fome no Brasil e no mundo, mas também a defesa da ordem constitucional-democrática. A quadra histórica à qual Josué se filia e exerce seus mandatos é marcado por sucessivas crises no regime democrático brasileiro e na sucessão presidencial.

⁹ Silva, 2020, p. 543 apud Nascimento, 2023.

2.4.1. A atuação parlamentar de Josué de Castro. Análise de discursos proferidos na câmara dos deputados durante seus dois mandatos.

Os discursos utilizados na presente pesquisa estão disponibilizados na internet, no site do Instituto Fome Zero¹⁰ e compreendem as duas legislaturas exercidas por Josué. Os discursos abrangem um período que vai do ano de 1956 até 1962, ano em que Josué renuncia ao seu mandato e parte para Genebra onde representaria o Brasil perante a ONU.

Josué desempenhou ambos os mandatos representando seu estado natal, Pernambuco e tendo sido eleito pelo PTB, partido de origem varguista e amplamente nacional-desenvolvimentista ao qual o autor sempre demonstrara proximidade política e gozava de amplo reconhecimento por seus membros (Amorim, 2018).

Na câmara dos deputados Josué exerce seu mandato alinhado, portanto, aqueles ideais trabalhistas de Getúlio Vargas responsáveis pela modernização econômica brasileira na década de 30. A passagem de Josué pela câmara dos deputados possui inúmeros discursos proferidos da tribuna sobre os mais diversos assuntos. Nos discursos é visível as preocupações de Josué, muitas vezes relacionadas às questões internacionais, combate à fome e desenvolvimento nacional. Tema recorrente também são as questões relacionadas à paz planetária e à uma governança global capaz de trazer prosperidade as nações.

Alguns poucos discursos foram utilizados pelo deputado como resposta a ataques desferidos contra ele pela imprensa e por opositores políticos. Fica evidente, nos momentos mais conturbados da vida política brasileira, um incômodo do autor com acusações contra sua atuação político-administrativo e acusações por parte de alguns veículos de imprensa de que o autor seria “comunista” “marxista”, fato negado por ele e que não encontra respaldo em sua atuação político-partidária.

Elemento muito presente nos discursos é a quantidade de manifestos aos quais coube ao deputado ler e registrar na tribuna. São manifestos de intelectuais, sindicalistas e estudantes que na maioria das vezes se referem a questões nacionais em disputa. Por diversas vezes coube a Josué a leitura da íntegra dos manifestos para que estes ficassem registrados nos anais da câmara dos deputados.

Outro aspecto marcante é a sequência de discursos realizados quando da crise estabelecida com a renúncia de Jânio Quadros. Josué se coloca como defensor da

¹⁰ <https://ifz.org.br/acervo-josue-de-castro/>

ordem democrática e constitucional e pela defesa da posse do então vice-presidente João Goulart, político que historicamente pertencia ao mesmo espectro do deputado. Superada a crise e consolidada a presidência Josué é indicado para a representação do Brasil perante a ONU, em Genebra.

A ordem internacional é sistematicamente abordada pelo professor em seus discursos na tribuna. As relações entre os países talvez seja o tópico mais repisado em seus discursos. Em suas participações como orador é nítida a importância por ele atribuída ao papel do internacional nas dinâmicas da fome e do desenvolvimento nacionais. Josué volta a trabalhar em seus discursos com os temas do colonialismo e do imperialismo aparecendo estes como elementos justificadores e por vezes promotores do atraso e subdesenvolvimento dos países periféricos. Também é comum a exortação de Josué a uma construção coletiva de humanidade através de suas aspirações para a criação de um “governo mundial” ou do fortalecimento do “panamericanismo”

O papel dos Estados Unidos da América tampouco escapa das análises críticas do deputado. O aspecto positivo presente nas suas primeiras obras, a confiança em uma humanidade unida pelo progresso e que utilizasse a ciência para sua emancipação vai dando lugar a uma análise realista, por vezes pessimista, mas que sobretudo enxerga na atuação dos Estados Unidos um elemento deletério e por vezes deliberadamente desorganizador do combate à fome.

Em alguns discursos é perceptível a atribuição negativa que Josué faz da atuação daquele país nas políticas internas dos demais. Ao analisar a gestão de seus excedentes no programa “alimentos pela paz” o autor denuncia que as reais intenções da super potência capitalista não são combater a fome, mas apenas o escoamento de gigantescos excedentes dos produtos alimentícios daquela nação (Lima, 2023).

Apesar do período conturbado internamente e no plano exterior no qual exerce seu mandato é notório o otimismo, também presente em suas obras, em relação ao futuro dos países subdesenvolvidos. O processo de descolonização vivenciado pelos países da África e da Ásia contribuem para que em seu discurso Josué perceba um mundo em que os novos países, recém emancipados e aqueles já de descolonização mais antiga, tenham consciência de sua própria condição e da necessidade de estruturar políticas públicas e de cooperação para o desenvolvimento comum.

Um dos grandes elogios feitos pelo autor à FAO seja justamente o fato de estar ser composta, em sua maioria, pelos países do terceiro mundo e possibilitar a atuação

conjunta entre eles. Josué prospecta um mundo onde a capacidade de organização e atuação coordenada a nível internacional seria capaz de gerenciar e mitigar as mazelas sociais das nações menos desenvolvidas. Em alguns discursos Josué cita, inclusive, a possibilidade de instituição de um governo mundial voltado para o bem estar social.

A visão de Castro sobre as dinâmicas internacionais, cotejadas com suas obras *Geografia da Fome* (1946) e *Geopolítica da fome* (1951) já demarcam uma certa perda do ideal de cooperação internacional ainda muito presente naquelas obras. Pode-se atribuir essa mudança ao fato de a esta altura dos discursos Josué já ter exercido por dois mandatos a presidência do conselho do FAO. Embora ainda acredite nos ideais de uma comunidade internacional cooperativa ele já denuncia com muito mais veemência o imperialismo, o colonialismo e a interferência dos países do centro capitalista sobre as periferias e seus efeitos deletérios para o desenvolvimento destes.

Os diversos discursos, embora cronologicamente abarquem um período relativamente curto da vida do autor (1957-1962) são paradigmáticos das escolhas políticas e também das propostas elaboradas e apresentados por Josué perante o parlamento.

Para esta análise foram selecionados 17 discursos, do total de 37 compilados pelo instituto fome zero. A escolha destes se deve à importância deles seja na análise de conjuntura internacional seja na elaboração dos grandes temas que permearam a sua carreira. Optou-se também pela transcrição direta daqueles elementos centrais dos discursos de forma que se tenha mais fidelidade nas ideias e expressões utilizados pelo autor.

Os discursos analisados neste estudo se dividem em dois grandes eixos temáticos sendo eles: dinâmica internacional e soberania onde se incluem os discursos mais voltados à análise das dinâmicas internacionais e onde o autor realiza as suas mais contundentes críticas às interferências internacionais no plano interno dos países subdesenvolvidos. O segundo eixo temático é voltado às dinâmicas brasileira propriamente ditas e se debruça sobre a temática eleitoral e de defesa da democracia, são diversos os discursos de Josué que exprimem certa preocupação, no plano interno, com as eleições o respeito à democracia e o acirramento dos debates internos.

Em alguns discursos percebe-se ainda uma mescla dos assuntos internacionais e doméstico, principalmente quando Josué aponta dinâmicas

internacionais que acabam por influenciar a política e economia locais. Outro ponto relevante a ser notado é o embasamento de Josué em sua prática como diretor do conselho da FAO sendo esta experiência revisitada em diversos discursos e utilizada como exemplo ao tratar das relações desiguais entre os países centrais e os demais países das franjas do capitalismo.

2.4.1.1. O liberalismo econômico, pressão de grupos internacionais e o papel do Estado na economia. (11/07/1957)

O discurso versa sobre ataques disparados contra o “intervencionismo econômico do governo Juscelino Kubistchek”, hipótese refutada por Josué e que desencadeia uma análise mais detalhada das teorias econômicas e do papel desempenhado pelo então presidente e seu plano econômico. Neste aspecto verifica-se que o discurso de Josué traz as tintas nacionais-desenvolvimentistas características da atuação do autor ao longo de sua vida.

Neste discurso Josué analisa o embate entre teorias econômicas, marcadamente entre o liberalismo e o intervencionismo econômico. Em suas considerações o deputado faz uma ampla crítica ao Liberalismo:

“Daí o liberalismo ter sido superado imediatamente pelas circunstâncias passando a ser na sua integralidade apenas um mito, uma estrutura ideal uma aspiração irrealizável” (Brasil, 1957).

A partir do contraponto com a economia liberal Josué defende o papel do Estado interventor na economia como expressão da própria busca pelo bem estar coletivo e social.

Este discurso traz ainda um enfrentamento à ideia de que o “intervencionismo econômico” represente faceta de um Estado autoritário. Em diversos exemplo o autor se dedica a desmistificar e aclarar seu ponto indicando, por exemplo o forte protecionismo tarifário exercido à época pelos Estados Unidos da América em prol de sua indústria.

Esse discurso tem por cerne a questão do liberalismo e seu resultado: o abandono das classes populares aos sabores do mercado e das elites e o conseqüente prejuízo dessas políticas de regulamentação, sejam elas nos campos internos dos países ou mesmo nas relações internacionais. Josué, atento ao

fenômeno, aponta, portanto, as incongruências de seus defensores e o efeito deletério dessas políticas para os países em desenvolvimento, em especial o Brasil.

2.4.1.2. Protesto sobre os experimentos nucleares norte-americano e o despejo de resíduos de suas usinas atômicas nas proximidades da costa brasileira, com risco de contaminação radioativa à nossa população (09/04/1959)

Neste discurso Josué denuncia supostos experimentos nucleares norte-americanos e preocupação quanto as consequências do incremento da radiação liberada na atmosfera. O autor de forma sucinta apresenta dados que demonstram o aumento da contaminação atmosférica e também de organismos, inclusive no Brasil.

Josué identifica nas referidas atividades, principalmente no projeto desenvolvido pelos EUA no norte do Brasil, uma faceta de um “imperialismo despótico e malsão e não de uma política de colaboração e boa vizinhança”. Embora entusiasta da tecnologia nuclear para fins pacíficos é clara a preocupação de Josué quanto à segurança da controversa operação Argus (Rolim, 2010). Importante destacar que a partir dos estudos de Rolim (2010) hoje se questiona se os testes de fato se realizaram no norte/nordeste brasileiro.

Aspecto fundamental no que tange a esta pesquisa é o tom de denúncia feita pelo autor quanto ao imperialismo das potências hegemônicas. Neste discurso Josué de Castro critica veementemente o experimento e teste nuclear nos próprios territórios nacionais, mas percebe com ainda maior repúdio as atividades desenvolvidas em águas internacionais e territórios de outras nações.

Embora não se possa comprovar a efetividade da operação “Argus” a crítica contundente permanece e o uso de águas internacionais para testes nucleares é apontado por Josué como fruto do imperialismo norte-americano e das nações nucleares em geral.

2.4.1.3. Dia Panamericano, despesas com armamentos, guerra e fome (05/05/1959)

Este discurso traz alguns elementos da biografia de Josué e aspectos de sua observação muito interessantes para a análise de sua atuação. Pela comemoração do dia Panamericano o autor inicia seu discurso elogiando seu partido, PTB, por ser, segundo ele, um partido de massas e estar atento aos anseios da população desde a

sua criação. Neste trecho percebe-se ser a grande identificação do deputado com sua legenda e a percepção do próprio partido trabalhista como instrumento e reflexo das lutas sociais de seu tempo.

Ao retomar a luta panamericana Josué evoca Simón Bolívar sua luta pela libertação da América e pela união panamericana dos países livres e independentes do continente americano. Josué evoca a luta anticolonialista e os esforços para se livrar das metrópoles europeias como essenciais para o desenvolvimento das nações de norte a sul do continente americano.

O autor também analisa a doutrina Truman, dos Estados Unidos e discurso de José Bonifácio como exemplos da luta pela emancipação do continente. Neste aspecto Josué observa também que a emancipação defendida pelos norte-americanos anteciparia um movimento de domínio exercido pela futura potência sobre o continente.

Ao defender o panamericanismo Josué ressalta que este só prosperará se as nações forem livres também economicamente e nesse sentido alude ser essencial fortalecer o nacionalismo e superar o imperialismo que para o autor constitui “tentativas de manter qualquer nação sob a tutela estrangeira, mesmo em moldes disfarçados”.

Josué utiliza de sua ilustração das ansiedades globais ao retomar a figura dos povos que não comem e os povos que não dormem aterrorizados pela ameaça de revolta daqueles que não têm o que comer. Essa passagem também trabalhada em “Geografia da Fome” e em “Geopolítica da Fome” é uma ilustração simples e clara das tensões entre o mundo desenvolvido (que não dorme) e o mundo subdesenvolvido (que não come).

Outro aspecto trabalhado por Josué em suas obras e que aparece com destaque no discurso é a crença deste autor em um futuro glorioso onde a guerra e a fome seriam superadas. Josué propõe no discurso a formação, admitida por ele como utópica, de uma governança mundial, capaz de atender aos anseios das sociedades e de superar os problemas históricos até então vivenciados pela humanidade.

Josué aposta em um mundo governado pela ciência e pela racionalidade e com objetivo de garantir o bem comum. Para o autor a corrida armamentista drena os recursos necessários à superação da fome ao redor do mundo e uma liderança global focada no bem estar da humanidade interromperia a guerra e venceria, por fim, a

fome. A política pan-americanista seria, para o autor, uma etapa na consolidação de uma governança global.

2.4.1.4. Desenvolvimento econômico e campanha eleitoral (22/05/1959)

Neste texto Josué de Castro inicia com uma análise da economia brasileira e de como ao longo de sua história esta se construiu com base nos interesses das potências hegemônicas. Josué clássica a economia brasileira de sua época como de tipo colonial, pré-capitalista e geradora de “subdesenvolvimento econômico e pauperismo generalizado”. Ao longo de sua explanação o autor perpassa os ciclos econômicos brasileiro identificando neles uma vocação da economia brasileira dedicada historicamente a produzir bens primários voltados ao consumo dos países centrais.

O discurso pretende demonstrar as condições que levaram o país a busca por novas políticas econômicas que pudessem emancipar nosso país do jugo da exploração dos monopólios internacionais. Josué então demonstra preocupação com a campanha eleitoral para a sucessão presidencial e as suas implicações para a política desenvolvimentista defendida pelo autor.

A preocupação chave do então deputado é com o clima da campanha eleitoral e com os discursos a serem utilizados pelos futuros candidatos de forma a atrair eleitores. Josué vislumbra a possibilidade de que artifícios de convencimento eleitoral acabem por promover o “envenenamento psíquico das massas”. A alusão se dá em termos gerais, sem especificar quais seriam as temáticas responsáveis pela campanha política deletérias, mas se observa intensa preocupação com as turbulências do período eleitoral.

Josué destaca a importância dos partidos para a democracia e de que cada um dos partidos tenha por objetivo a defesa bem identificada dos grupos e projetos aos quais se filiam. O autor se apresenta como um partidário do desenvolvimentismo e a necessidade de uma integração econômica, social e política, estas são as bandeiras que identifica em seu partido, que defende no sacerdócio político.

Em resposta a aparte do deputado federal Colombo de Souza Josué identifica a possibilidade do Brasil ser uma liderança internacional dos países subdesenvolvidos, sugere para tal que a diplomacia brasileira deve abandonar seu alinhamento histórico com as potências ocidentais, as quais sempre se sujeitou, e se

assumindo um país subdesenvolvido unir esforços com seus pares para defender as justas aspirações de desenvolvimento dessas nações perante as economias ricas.

Ao analisar o plano econômico do governo de Juscelino Kubistchek identifica, para além dos problemas de sua elaboração, ações externas que o prejudicam. Nesse aspecto Josué denuncia que os países subdesenvolvidos que buscam o crescimento acabam por vezes sendo combatidos pelas potências industriais consolidadas.

Essa denúncia por parte de Josué é claramente uma crítica a um movimento imperialista de se conter a emancipação dos países subdesenvolvidos para reduzir a competição no cenário global e garantir o abastecimento de produtos primários oriundos desses países.

Josué critica as ajudas econômicas vindas dos EUA, primeiro por identificar que os números apontados pelos norte-americanos não correspondem de fato aos recursos “doados” para os países subdesenvolvidos, segundo porque identifica auxílios militares, voltados à própria proteção dos EUA, mascarados de ajuda humanitária. As trocas desiguais entre as potências também são um fator de preocupação para o autor uma vez que a exportação de matérias primas e a importação de bens industrializados representa, na visão de Josué, uma repressão à expansão econômica dos países subdesenvolvidos que acabam por acumular sucessivos prejuízos em suas balanças comerciais.

Josué critica as políticas implementadas internamente no Brasil e elenca problemas nacionais a serem solucionados para que o país siga o rumo do desenvolvimento. Há profundas críticas a desigualdade regional no que tange à industrialização e uma análise aprofundada da questão do campo.

O autor, como reforçado em suas obras, é um grande crítico da estrutura fundiária brasileira identificando na profusão de latifúndios e na monocultura as causas da baixa empregabilidade no campo, na produtividade ínfima e no desabastecimento dos gêneros alimentares, em rápida explanação o autor acaba por retomar esses argumentos e ressalta aos colegas deputados federais a necessidade de se realizar uma adequada reforma agrária.

O deputado encerra seu discurso fazendo um pedido para a consciência da classe política e dos líderes partidários de forma a não se criar um processo eleitoral eivado de “envenenamento psíquico das massas” e que possa levar o país a perder o rumo do desenvolvimento.

2.4.1.5. O aumento do custo de vida é intolerável à economia popular e um entrave à expansão real da nossa economia (17/06/1959)

Neste discurso está em análise a prorrogação da Comissão Federal de Abastecimento e preços (COFAP), criada em 1950 por Getúlio Vargas e cuja atribuição era a cuidar do abastecimento urbano e a manutenção do custo de vida e preços em valores toleráveis pela população. Sobre a comissão a grande debate sobre sua atuação à época de Josué, nesse sentido a comissão é claramente um ponto de enfretamento entre os políticos e a imprensa de caráter mais liberal (Martins, 2011) e os que possuem um viés mais estatista, como o próprio Josué de Castro. Ocorre que o autor claramente se posiciona contrário à prorrogação e em seu discurso encaminha para votar em substitutivo cujo prazo de prorrogação é de apenas um ano.

Ao longo do curto, porém contundente discurso, é destacada a importância que o preço dos alimentos tem numa adequada nutrição da população. Josué enumera os índices de aumento dos preços e também apresenta preocupação com as implicações sociais de índices alarmantes de pobreza e fome. Ao analisar a atuação da COFAP Josué a classifica como órgão “inteiramente inútil e inoperante” e aponta a comissão cuja atuação se resumiria, para o autor, em “perseguir quitandeiros”.

Josué cobra da câmara mais proatividade e do governo uma reformulação da política de abastecimento. Critica a atuação excessivamente focada na ponta, na venda dos produtos aos consumidores e enumera as diversas etapas de produção onde é preciso agir para uma correta, abrangente e justa regulação dos preços. O autor identifica esta atuação apenas a ponta final do setor produtivo como contraproducente, em suas palavras:

“...tumultuando muitas vezes a comercialização e a própria produção importando as vezes produtos que vem a concorrer, desagregar e desequilibrar a produção nacional. Aí estão os casos de importação da banha e de cebola como tristes exemplos de inoperância.” (BRASIL, 1959d)

O imperialismo e a pressão das potências internacionais aparecem também de forma destacada no presente discurso. Josué denuncia que a questão está intimamente ligada a ausência de uma política nacional estruturada para enfrentamento da questão e tal debilidade acarreta a submissão do Brasil a interesses imperialistas sobre o tema do abastecimento.

Josué defende uma regulação que atue contra as influências deletérias das grandes potências e trustes internacionais. É na conta dos “gananciosos internos e externos” que o autor credita o aumento exacerbado dos preços e é contra essa estrutura que o autor defende uma nova regulação sobre o tema, o combate conjunto entre governo e congresso deve ser de forma a evitar que “as manobras do imperialismo internacional, que diante da fome e da miséria, põe a faca nos peitos dos países subdesenvolvidos, exigindo para o seu desenvolvimento, um preço mais alto do que o preço da própria fome e da própria miséria – o preço da sua soberania”.

Este discurso é o mais vocal e claro sobre as implicações do imperialismo e suas faces ao atacar os Estados menos favorecidos na ordem capitalista. Verdadeira denúncia dos abusos cometidos a título de “ajuda” as dinâmicas internacionais acabam em verdade por trocar alimentos e bens de primeira necessidade pela soberania dos povos e a isto também estava atento Josué de Castro.

Cabe ressaltar quanto a este discurso que Josué de Castro e Celso Furtado posteriormente viriam a ter discordâncias sobre a questão da SUDENE e sobre o modelo de desenvolvimento ideal para a região nordeste. Com visões antagônicas do ideal a ser estabelecido para o desenvolvimento da região esses dois autores nacionais travaram debates ricos e complexos sobre a temática (Cardoso, 2008)

2.4.1.6. Homenagem aos 10 anos do Jornal das Letras (27/06/1959)

Neste breve discurso Josué enaltece os 10 anos do “Jornal das Letras” apontado pelo deputado como “publicação de caráter literário e cultural que vem durante todo esse período engrandecendo e dignificando as letras nacionais”. Embora nesta homenagem prestada por Josué não se verifique menção direta ao imperialismo ou ao colonialismo há passagem em que o autor faz contundente crítica a política monetária alinhada com o FMI (fundo monetário internacional) e em especial à elevação do preço do papel-jornal por imposição do referido fundo.

2.4.1.7. Em favor da independência da Argélia (17/11/1960)

Ao abordar a luta pela independência da Argélia e a posição do Brasil na ONU observa o momento histórico pelo qual o mundo passa a seu tempo. Período marcado pela intensificação do processo de descolonização, principalmente no continente

africano e asiático a década analisada neste discurso foi profícua na libertação das antigas colônias do jugo das potências.

Josué tratando especificamente da questão argelina defende que o Brasil se coloque como nação independente e soberana apoiando o pleito da Argélia frente a sua colonizadora europeia - França. Em defesa de seu argumento Josué destaca que em visita à metrópole daquele país fora instado pela própria intelectualidade francesa contra a guerra e a favor do pleito da, agora, ex-colônia.

A crítica apresentada por Josué é direcionada ao governo francês, nas palavras do autor: “militarista e colonialista”, em oposição a posição da nação destaca que a intelectualidade e o “melhor daquele país” é favorável ao pleito anticolonialista e pelo desenvolvimento da humanidade.

Ao analisar o papel desempenhado pelo Brasil e pela chancelaria nacional na questão o deputado não poupa críticas a postura adotada pelo país no conflito. Josué denuncia ofensas proferidas contra a delegação argelina e acusa a própria chancelaria brasileira de ter articulado o ataque contra esta delegação no aeroporto da então capital.

“O Brasil é um país livre, de tradições cristãs, e o verdadeiro cristianismo é incompatível com essa orientação escravagista, colonialista e imperialista.” É com essas palavras que o deputado demarca o papel que julga adequado para o Brasil ocupar na ordem mundial. É nítida sua preocupação não apenas com a própria liberdade do povo argelino, mas com o papel desempenhado pelo Brasil e pela sua chancelaria perante o processo de descolonização em curso na África.

Desse discurso também é perceptível a crença de Josué no sistema ONU, ao atribuir à deliberação deste órgão e à própria votação o condão para a emancipação argelina. Essa preocupação um sistema mundial de governança, a ser dividido entre os demais países e com base nesse sistema valoriza e verbaliza o desejo para que o Brasil desempenhe liderança nos processos de descolonização então em curso.

Embora não cite explicitamente é visível a aproximação ideológica de Josué com o que viria a se consolidar como “terceiro mundismo”. Este fenômeno de alinhamento global entre as nações do sul global, ou ditas à época de “terceiro mundo” obteve grande apoio no Brasil a partir de 1958 e se filiava a ideia de cooperação entre os povos em oposição aos exploradores do primeiro mundo (Albuquerque, 2011)

2.4.1.8. Homenagem à escritora Carolina Maria de Jesus (26/11/1960)

Neste breve discurso o deputado tece elogios à escritora Carolina Maria de Jesus. Josué destaca o surgimento de novos autores no cenário nacional, nem eruditos, nem professores e nem profissionais, mas pessoas comuns do povo. É nessa categoria que Josué inclui a autora.

O deputado ataca os detratores de Carolina de Jesus lembrando que a autora é apontada por alguns como “comunista” por simplesmente denunciar e apresentar a pobreza ao qual fora submetida ao longo da vida. O autor em seu discurso também faz uma homenagem a Dom Helder Câmara. Josué lembra que o religioso em uma de suas intervenções fala em promover o terceiro mundo, “mundo dos desgraçados, das nações proletárias que devem opor-se aos dois blocos gigantes que querem esmagar toda a humanidade com uma guerra da qual não sairão vencidos e nem vencedores pois será a carnificina, a catástrofe final para toda a humanidade.”

A homenagem e defesa de Carolina de Jesus revelam atenção especial do autor, não apenas com a questão acadêmica, mas também quanto as manifestações populares sobre a fome e a pobreza. A autora, hoje um clássico da literatura brasileira, foi a seu tempo a grande voz a denunciar as questões e condições de vida da população miserável e dos moradores de favela do ponto de vista de seus próprios habitantes.

2.4.1.9. Manifesto pela soberania de Cuba e pela integração regional (06/12/1960)

Ao discursar na câmara dos deputados sobre a crise política em Cuba e o papel do Brasil e do Itamaraty na nova ordem mundial em que se insere Josué retoma a preocupação com uma chancelaria ativa e independente das influências advindas das potências capitalistas. Neste discurso explicita-se a preocupação do então deputado com um concerto de nações em que aquelas ditas subdesenvolvidas tivessem voz e condições para sua completa emancipação. Castro entendia que o Brasil deveria se posicionar e ter uma política interna e externa compatíveis com as aspirações de desenvolvimento e emancipação do próprio país e do restante do mundo e, portanto, alinhadas as nações em estágios semelhantes de desenvolvimento.

Historicamente o autor situa o subdesenvolvimento como fruto do colonialismo e da exploração perpetrada ao longo dos séculos. Outro aspecto que retoma neste

discurso é a preocupação com a integração americana e o panamericanismo. Mais uma vez fica explicitada a percepção positiva do momento histórico vivenciado. Josué vislumbra estar assistindo o alvorecer de uma época onde as nações, antes sob o jugo do colonialismo agora se juntam em “um desejo incontido de libertação de qualquer forma de escravidão ou de subserviência” no período chamado por ele de “crepúsculo, agonia do colonialismo que se evidencia em todos os continentes”.

O Panamericanismo surge no discurso como um elemento da defesa dos países americanos contra o jugo europeu. Josué destaca que tal política se constrói não apenas na libertação das metrópoles, mas de uma coletividade que visa impedir novas aventuras imperialistas na região. A doutrina Monroe, de 1823, é apontada como a corporificação do princípio de que os EUA se comprometeriam a lutar e defender os países latino-americanos que fossem ameaçados em sua soberania. Esta expectativa positiva, como verificada mais tarde, não se cumpriu.

O esvaziamento do panamericanismo é creditado, então, à inércia dos EUA sobre a independência das guianas, que à época ainda eram colônias europeias e sobre o domínio nas ilhas Falklands/Malvinas, retomadas pela Inglaterra. A liderança do Brasil é apontada como natural e sua ação é requisitada por Josué para o fortalecimento de todo o continente.

Ao analisar especificamente a questão cubana Josué retoma o processo de independência da ilha caribenha e rememora as cláusulas legais inseridas na legislação cubana, sob influencia norte-americana, que “espezinhou” a soberania do país:

“Sua economia foi monopolizada pelo capitalismo imperialista norte-americano que absorveu três quartas partes da produção nacional feita sob a forma da monocultura colonial do açúcar: que por sua vez açambarcava três quartas partes de todas as terras cultiváveis da nação. Daí a fome reinante em cuba: daí o desemprego fazendo que mais da metade da população vivesse sem trabalho... Quero apenas dizer que é humano e justo este povo um dia rebelar-se contra tal estado de coisas e através de esforço hercúleo emancipar-se e organizar um governo que limpe a nação do opróbrio dessa opressão de tipo colonial. Foi o que fez Cuba. Infelizmente foi necessário mudar a estrutura, porque o problema era estrutural e ao tocar na estrutura através da reforma agrária atingiu o monopólio e os interesses escusos dos grupos imperialistas do capitalismo de Wall Street... A revolução cubana não é comunista, é, sim, uma revolução de emancipação econômica” (Brasil, 1960c).

Nesse discurso, proferido em momento onde a revolução cubana ainda era muito recente é nítido o papel atribuído aos EUA e ao imperialismo no destino da ilha. Josué verifica ter sido o movimento causado por uma aspiração de liberdade e de

combate à iniquidade da fome causados pela super exploração da ilha caribenha pela potência estado-unidense.

A crítica de Josué aos Estados Unidos se acentua ao longo de seus discursos e também demonstram o período de recrudescimento da guerra fria. Nesse discurso tampouco Josué apresenta elogios ou afagos à União das Republicas Socialistas Soviéticas (URSS). Josué conclui ser esta a única maneira de sobrevivência da ilha diante dos ataques advindos do imperialismo norte-americano.

“A revolução cubana não é comunista é sim uma revolução de emancipação econômica. Está sendo levada para o lado dos comunistas pela pouca inteligência e compreensão do departamento de Estado Norte-americana que não dá apoio aqueles que só querem se emancipar, mas apoia os ditadores, os opressores, contra os interesses deste povo, levando-o ao desespero” (Brasil, 1960c).

2.4.1.10. Alimentos pela Paz (03/03/1961)

O início deste discurso é marca uma defesa da soberania dos povos e do Brasil e da luta interna travada no país para se desenvolver e superar o dualismo entre a expansão industrial e a arcaica estrutura fundiária brasileira. Ao analisar e debater o tema o deputado a classificada como “feudal”, “das mais atrasadas e menos rentosas do mundo”. Analisando a contradição que há entre o aumento da produção agrícola e a diminuição do valor das commodities o autor expõe a injusta situação ao qual o Brasil se encontrava atado.

Ao reportar a visita de uma comissão enviada pelo governo dos EUA de forma a analisar a implantação do programa “alimentos pela Paz” em nosso país. A esta vinda da comissão o autor a caracteriza como “neocolonialismo norte-americano”. Josué aponta a contradição do programa alimentos pela paz como uma política que embora aponte midiaticamente para a integração americana e para o aprimoramento das repúblicas do continente e pelo auxílio, prestado pelos norte-americanos, ao desenvolvimento das nações vizinhas em verdade se trata de uma política neocolonialista nefasta aos interesses nacionais.

Josué aponta que o programa proposto pelos EUA consiste em uma entrega, a título de ajuda humanitária, de excedentes da produção agrícola daquele país. Sob esse ponto esclarece:

“os excedentes constituem um dos mais graves problemas pela contradição do seu capitalismo imperialista. Eles não sabem o que fazer com esses excedentes e vem, então, procurar ajuda e assistência nos países subdesenvolvidos do mundo, para que a nação norte-americana saia de sua crise. A missão é feita muito mais no interesse norte-americano do que no interesse dos países da América Latina” (Brasil, 1961a).

Josué denuncia que a lei americana referente ao caso alude o pagamento dos alimentos, pelos países beneficiados, em prazo dilatado e em moeda nacional. Josué demonstra que tal política visa tão somente à venda dos excedentes norte-americanos aos países menos desenvolvidos. Faz a crítica ao uso político da fome para vantagens dos interesses estrangeiros e nesse sentido de forma muito contundente esclarece que suas obras denunciaram e tinham por objetivo que o Brasil compreendesse seu problema da fome e o enfrentasse e não que potências estrangeiras o utilizassem para realizar suspeita caridade e dessa forma obter vantagens políticas e diplomáticas.

Há um questionamento quanto à utilidade do programa para o Brasil. Josué, de forma retórica, questiona se tal missão seria capaz de retirar a população brasileira dos índices de fome, de aumentar a produtividade e da industrialização do país bem como se seria um instrumento para a emancipação total do Brasil. Josué conclui negativamente para todas as alegações e ressalta que “alimentos pela paz” em verdade retardaria o desenvolvimento nacional.

Para Josué a importação dos excedentes agrícolas norte-americanos desestruturaria a agricultura brasileira e não contribuiria para o desenvolvimento das arcaicas estruturas fundiárias vistas em solo brasileiro. Josué ilustra que tal política seria um suicídio.

“A ajuda que os Estados Unidos nos querem dar é tipicamente colonial. Do colonialismo faz parte o paternalismo, a caridade, o auxílio ao próximo, a ajuda ao teu irmão. O que os Estados Unidos pretendem dar-nos é um pouco de emergência, uma panaceia transitória, não um plano fundamental a longo prazo, mas apenas uma solução para desafogar os seus excedentes a fim de terem espaço vazio em seus armazéns e, então, aliviar a fome de alguns indivíduos para que sobrevivam... Não se justifica mais esse paternalismo continental, essa defesa do continente no interesse unilateral dos Estados Unidos. E se querem o nosso respeito, à sua política, que respeitem a nossa economia. Respeitar a nossa economia não é vir aqui barganhar com a nossa fome” (Brasil, 1961a).

Já na conclusão de seu discurso Josué rememora sua atuação na FAO e ilustra o uso político feito pelo governo dos EUA dos seus excedentes agrícolas. Josué alude

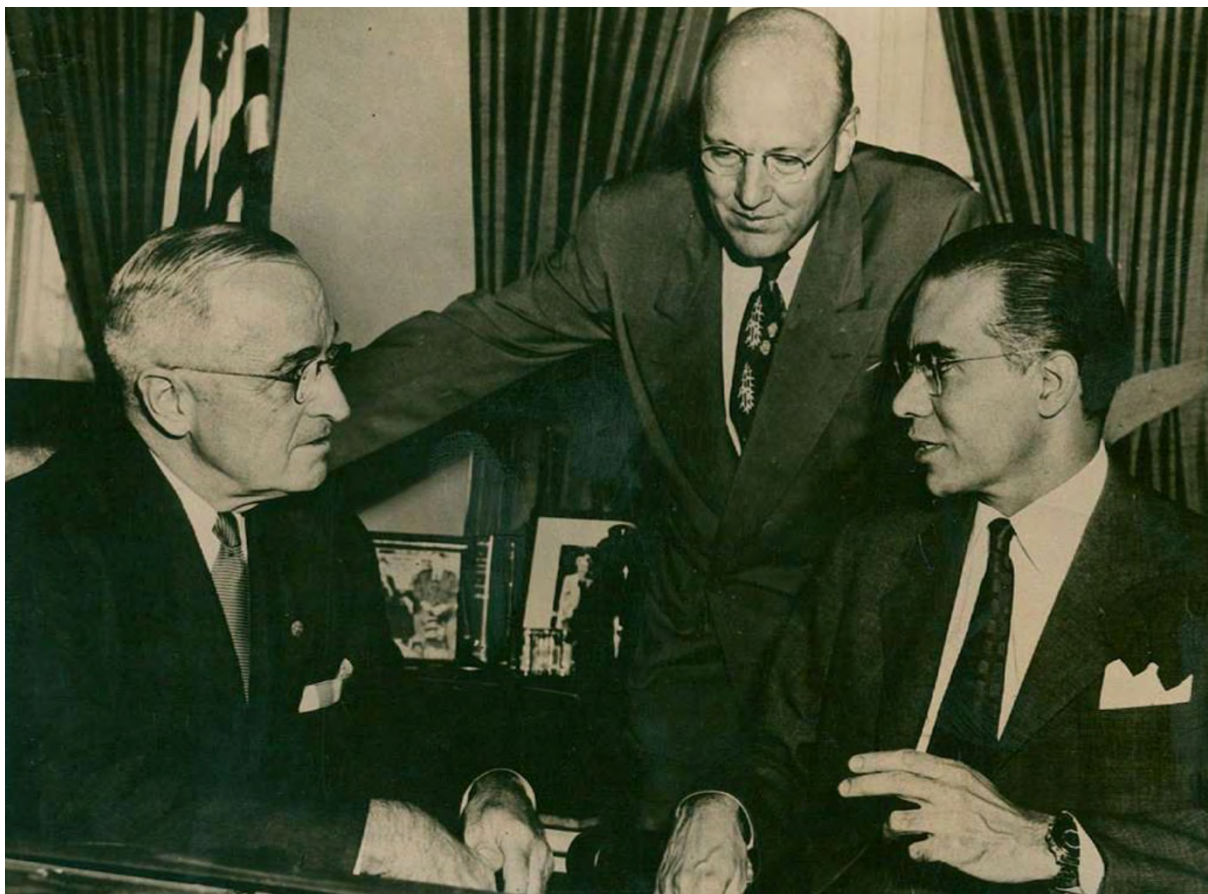
a um diálogo com o então presidente americano, Truman, que ao notório professor e à época presidente da FAO teria confessado o então mandatário norte-americano: “Não posso concordar com o senhor. Os Estados Unidos não podem abrir mão de seus excedentes de alimentos para as Nações Unidas, porque os Estados Unidos devem manipular seus alimentos politicamente”.

E dessa forma Josué conclui seu discurso:

“O Brasil quer continuar a mandar na sua miséria, na sua fome e no seu subdesenvolvimento. É capaz de com sua economia, com sua poupança, com seu esforço e trabalho, tornar-se independente da falsa caridade das potências colonialistas, imperialistas e exploradoras da fome no mundo.”
(Brasil, 1961a)

Este discurso é um dos mais contundentes a criticar a política externa norte-americana. Através da crítica ao programa assistencial daquele governo o deputado ilustra de que forma é feita a política colonialista e imperialista ao manejar a fome e os estoques de alimentos em troca da soberania das nações necessitadas.

Imagem 6 - Josué de Castro, então presidente da FAO e Harry Truman na Casa Branca, 1952¹¹



2.4.1.11. Fome e necessidade de uma política alimentar pública (28/04/1961)

Ao analisar o destaque dado à fome e à carestia na imprensa nacional o deputado saúda o fato de as manchetes e noticiários de seu tempo estarem finalmente divulgando, estudando e aprofundando as matérias sobre o tema. Josué de Castro faz a observação de que o tema até pouco tempo era tratado como tabu e por isso silenciado na imprensa brasileira por ser entendido como a face de algo que não se deveria divulgar.

Ao analisar essa nova fase em que a fome ganha destaque e enfoque numa série de veículos de mídia o autor esclarece que são dois os motivos, primeiro o fato de ter se criado uma consciência coletiva sobre o tema, mas também o agravamento do problema em seu tempo.

Ao longo de seu discurso Josué enumera questões econômicas que incrementaram a carestia do povo brasileiro. Entre essas questões aponta então a

¹¹ Disponível em: <https://garystockbridge617.getarchive.net/amp/media/josue-de-castro-entao-presidente-da-fao-e-harry-truman-na-casa-branca-1952-17219e>

desvalorização do câmbio, a falta de investimentos no setor agrícola e a consequente falta de recursos da população para aquisição de alimentos. Josué de certa forma retoma os argumentos utilizados em “Geografia da Fome” para identificar as causas e soluções para o problema da fome.

Na conclusão do discurso Josué exorta o legislativo a realizar aquela que seria, ao seu ver a única solução estrutural necessária a garantir a superação da fome em nosso país: a reforma agrária. Ao analisar a fome destaca que ações pontuais não podem resolver o problema e que uma reformulação profunda da política fundiária brasileira seria eficaz para tornar o setor agrícola mais produtivo, diverso e consequentemente baratear o valor dos alimentos, sendo assim, capaz de suplantar a dificuldade alimentar brasileira.

O deputado também elenca a valorização do salário móvel, capaz de absorver o ciclo inflacionário e dessa forma amparando o trabalhador para a aquisição de alimentos e gêneros de primeira necessidade. A regulamentação das remessas de lucros ao exterior uma vez que estas no ponto de vista do autor são as principais evasões de dividendos do Brasil para o exterior.

Ponto trabalhado em seu discurso, a exortação a uma lei antitruste, seria, para o autor, essencial de forma a combater o abuso de poder econômico que acabam por privilegiar interesses estrangeiros aos nacionais. Nas palavras do deputado:

“A fome no Brasil não é, senão, produto desse abuso, através do tipo desumano de exploração colonial, que tem levado o país a sucessivos ciclos econômicos mais destrutivos do que produtivos, mais de interesses alienígenas do que de interesse nacional.” (Brasil, 1961b)

Também propõe a regulamentação da desapropriação de terras por interesse social, em suas palavras pedra angular de uma verdadeira e correta reforma agrária e aprovação do plano diretor da Superintendência para o desenvolvimento do nordeste (SUDENE) para que este órgão pudesse auxiliar a região nordeste a se desenvolver estruturando um plano de desenvolvimento.

Este discurso de Josué demonstra como o autor passa a enxergar as relações internacionais definitivamente de forma realista e sem o viés idealista de outrora. O discurso aborda o centro da atuação de Josué de Castro, como político, e de seu campo político nacional-desenvolvimentista. Outro aspecto importante é o fato de Josué atrelar o desenvolvimento industrial e do país como todo para uma correta política de combate a fome e emancipação do Brasil.

2.4.1.12. Defesa da Legalidade Constitucional e das Instituições Democráticas (29/08/1961)

Este discurso foi proferido logo após a renúncia do presidente Jânio Quadros em 25 de agosto de 1961, apenas 7 meses após a sua posse. É nesse contexto de agitação política que Josué faz o contundente discurso de defesa da legalidade constitucional e das instituições democráticas.

Inicialmente o discurso rejeita a oposição entre “comunistas” e “democratas” demonstrando a polarização política vigente à época. Josué denuncia o que teria sido uma imposição das forças armadas, visando a renúncia do presidente e pressões para que o vice-presidente, João Goulart, também renunciasse à presidência. Josué atribui às forças armadas o dever de defender a legalidade e a constituição chamando aqueles que em sua opinião buscavam impedir a posse de João Goulart de “falsos representantes dos militares”.

O deputado qualifica como falsos democratas aqueles que somam forças e tentam impedir a posse de Jango e lê o manifesto de dirigentes sindicais e estudantes da capital da república. Este manifesto, contundente, qualifica como golpistas as referidas articulações e convoca os estudantes e trabalhadores a impedirem o golpe em curso e defendam a legalidade democrática.

Fica claro, neste ponto, a oposição de Josué à quebra da legalidade democrática e a posição de alguns comandantes das forças armadas. Essa oposição ficaria mais clara quando da quebra do regime democrático com o golpe de 1964 e a edição do AI-1 quando o próprio autor figura na primeira lista de nacionais a terem seus direitos políticos cassados.

2.4.1.13. Manifesto de intelectuais contra intervenção dos ministros militares no Legislativo (01/09/1961)

Esse discurso fora realizado no calor dos mesmos acontecimentos do discurso anterior e também nele o orador carrega nas tintas de forma a expressar na tribuna a gravidade do momento. Josué qualifica a atitude dos chefes militares de despóticas e

inconstitucionais e os critica ao analisar que diante de forças armadas rachadas eles não mais representariam a vontade das três forças.

Josué traz para este discurso um manifesto de intelectuais e alude que tais ilustres estariam acima dos interesses pessoais e em favor da nação e de seu desenvolvimento. Nas palavras do orador:

“a inteligência brasileira, a elite do pensamento, o patrimônio cultural do país, os que pensam, sentem e representam as tradições de nossa terra e de nossa gente, se pronunciaram para criticar, para opor a força de sua inteligência ao despotismo prussiano dos falsos chefes militares” (Brasil, 1961d)

2.4.1.14. Manifesto da Frente Parlamentar Nacionalista (FPN) (06/09/1961)

Em um sinal da agudização da crise diante da sucessão presidencial e da posse de João Goulart contestada pelo comando das forças armadas Josué apresenta mais um manifesto, dessa vez da Frente Parlamentar Nacionalista (FPN). Deste manifesto, constam comentários à adoção do parlamentarismo e o desejo da formação de um regime que se desenvolva para atender os anseios da população.

2.4.1.15. Crise socioeconômica e o risco de mudanças na Sudene (19/09/1961)

Josué inicia este discurso comentando ter “serenado o período mais agudo que atravessou o país” e expressando preocupação com o fato de que, embora a crise militar tenha sido debelada, ainda havia a crise social por enfrentar e que esta, ao contrário daquela, se encontrava em pleno ápice.

Ao analisar os problemas socioeconômicos brasileiros à sua época o deputado ressalta ser especialmente o nordeste brasileiro um ponto de preocupação e de ameaça a ordem pública e sossego do restante do país e do regime democrático. Como analisaria futuramente em sua obra “sete palmos de terra e um caixão (1965), cujo subtítulo o autor atribuíra “ensaio sobre o Nordeste, área explosiva” é patente a preocupação do parlamentar com os índices alarmantes de desenvolvimento social da região.

Josué, conhecedor das minúcias da fome e das dificuldades enfrentadas pela região, alega ser o nordeste uma das áreas “atolada no marasmo econômico, com

uma população faminta e revoltada” e defende que estudos da SUDENE podem auxiliar o país a resolver a chaga socioeconômica em análise.

A crítica fundamental de Josué, neste discurso, é contra a entrega da superintendência a políticos estranhos a seus objetivos. Josué chama o processo pelo qual passa a SUDENE de “cambalacho”, “entreguismo”, “compadrismo”, “coronelismo”. O autor faz elogio à gestão de Celso Furtado e roga ao novo regime recém instituído, parlamentarista, que não ceda as pressões políticas para definir os rumos da superintendência e conseqüentemente das políticas de desenvolvimento para a região nordeste.

2.4.1.16. 11ª Conferência da FAO, em Roma (13/12/1961)

Neste discurso Josué de Castro presta esclarecimentos sobre sua ida à 11ª conferência da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura em Roma, oportunidade a qual participou como membro da delegação brasileira. Em sua primeira parte o deputado explica o que é e quais são as atribuições da FAO e sua relação com o sistema das Nações Unidas.

Castro trata por fazer uma conexão entre as atribuições dessa agência da ONU e o Brasil de sua época. Aponta o parlamentar a necessidade de um país subdesenvolvido como o Brasil estar atento e amparado por meio de cooperações técnicas e financeiras no tema da fome.

Josué demarca ter sido a 11ª conferência uma mudança de paradigma na instituição. Esta reunião, ocorrida em Roma em novembro de 1961 foi marcada, para o orador, em uma mudança nos rumos da entidade, de governada pelos países centrais a território das nações subdesenvolvidas. Durante este discurso fica patente a significação que Josué atribui ao mecanismo internacional e a importância de que este seja administrado sob a ótica dos países subdesenvolvidos, aqueles mais atingidos pela fome.

Josué saúda a entrada dos países africanos recém emancipados e relembra, a partir do aparte do deputado Rui Ramos, sua eleição para presidência do conselho executivo daquela agência da ONU. Josué atribui a vitória, por unanimidade, como um reconhecimento dos países membros de que a escola brasileira de alimentação e nutrição subsidiou enormemente com estudos a instituição.

Em outra passagem Josué sintetiza aquela que fora a conclusão de suas obras sobre a forma permanente de se combater a fome

“não apenas dando comida aos que tem fome, que é uma solução de emergência, de caráter paternalista, mas promovendo o desenvolvimento autêntico dos países subdesenvolvidos que só eles poderão, pelo seu trabalho, pela sua produção e pela sua produtividade, libertar-se da fome, que não é mais do que a expressão biológica de um contraste social, que é o subdesenvolvimento de tipo colonial a que foram submetidos 2/3 das regiões do mundo inteiro” (Brasil, 1961g).

Aspecto muito relevante abordado no discurso é o fato de o autor ter verificado, através dos estudos da FAO, que no ano em análise (1960) a produção foi excepcionalmente aquém do acréscimo populacional. Para Josué, feroz combatente das teorias malthusianas, “nesse ano, Malthus aparentemente teve razão, cresceu mais a população do que a produção de alimentos” e passa a discorrer sobre o agravamento da questão da fome verificada até então.

Imediatamente o deputado refuta as teorias malthusianas e com base em dados da produção do Canadá e dos EUA elucida terem essas nações obtido um crescimento alimentar tão significativo que foi preciso contê-lo para evitar o acúmulo de excedentes. Josué exemplifica que, portanto, há produção de víveres suficiente para alimentar a população continuando as dinâmicas comerciais e políticas as principais causadoras da chaga social.

Ao analisar a atuação da FAO no contexto global Josué demonstra ter essa atuação se pautado em combater a exploração da fome e da miséria como armas políticas. O uso dos excedentes alimentícios de forma a submeter os povos famintos a ideologias políticas é aponta por Josué como uma forma de colonialismo:

“Até hoje os excedentes tem sido dados aos países miseráveis negociando-se sua fome, sua miséria em troca de sua adesão a ideologias políticas, o que oprime e ofende, o que dá um caráter de miséria organizada e vendida. São os povos que vendem sua fome em troca da sua liberdade. Portanto, uma forma de colonialismo – o neocolonialismo econômico dos tempos atuais, imposto através das chamadas áreas de influência econômica” (Brasil, 1961g).

Nesse discurso fica cristalina a atuação do Brasil na FAO e também as deficiências internas de nosso país. Josué cita a dificuldade em se realizar estudos uma vez que a base de dados demográficos é muito frágil no interior do país e também

o fato de ser essencial a realização da reforma agrária, principalmente na região nordeste, para que o Brasil atinja seu objetivo de combate à fome.

Da análise deste discurso, verifica-se tanto da fala de Josué de Castro quanto do aparte de outros deputados que o tema da reforma agrária estava em debate no Congresso Nacional no início dos anos 1960. A citação de estudos e de críticas a alta concentração de terras no Brasil, principalmente no Nordeste demonstram ser este um assunto relevante para o debate nacional. Esse tema é essencial nas obras de Josué de Castro e aparece com bastante ênfase neste discurso em análise.

4.3.1.17. Plano de Recuperação Alimentar do NE Brasil-ONU (20/03/1962)

Na tribuna o deputado Josué de Castro faz um alerta sobre a expansão da seca na região Nordeste e sua implicação para o aumento da fome na região. Também destaca o autor que o problema social torna a região verdadeiro campo minado e ilustra tal afirmativa com as disputas entre as ligas camponesas, lideradas por Francisco Julião, e seus adversários. Josué cita o governador da Paraíba, para quem a região estaria na iminência de uma crise revolucionária.

O discurso traz uma crítica às políticas públicas desenvolvidas para o nordeste apontando o caráter puramente paliativo para amenizar a grave e cíclica situação da seca e consequente fome aguda na região. Apesar das críticas há no discurso otimismo por parte do deputado pois traz à tribuna a notícia de que seria aplicado à região um plano de recuperação alimentar promovido conjuntamente entre o governo brasileiro e as nações unidas.

O plano referido pelo autor seria uma sugestão sua, quando da presidência da FAO, para que o Nordeste brasileiro fosse escolhido como “área demonstrativa da campanha mundial contra a fome” e após sua aceitação no órgão internacional foram designados técnicos para, em cooperação com a SUDENE, elaborar um plano de longo prazo para a região.

Este é o último discurso registrado na câmara dos deputados proferido pelo autor. Sua renúncia ao mandato data de 10 de outubro de 1962 quando foi designado, pelo então presidente da República João Goulart, para assumir a chefia da representação diplomática brasileira perante a ONU em Genebra.

Neste da pesquisa buscou-se trabalhar a fase politicamente mais ativa do autor, sua atuação político-partidária bem como a eleição e o mandato exercido perante a FAO. Da análise dos discursos proferidos por Josué de Castro em seus mandatos como deputado federal é possível perceber a importância atribuída pelo autor à temática do internacional e suas críticas contundentes à dinâmica do imperialismo e do colonialismo que subjagam nações e contribuem para que a dinâmica da fome se perpetue.

3. Exiliado e ativista da Fome. Entre “Sete Palmos de Terra e um caixão” e “Homens e Caranguejos”.

Neste último capítulo aborda-se a atuação internacional de Josué como representante do governo de João Goulart em Genebra. Aborda-se, ainda, o golpe civil-militar de 1964 e o exílio de Josué logo que editado o Ato Institucional número 1. Também foram analisadas as últimas obras escritas pelo autor sejam no exílio ou terminadas nessa condição.

Importante destacar que “Sete palmos de terra e um caixão” abordará de forma didática e muito profunda as razões do subdesenvolvimento da região do nordeste e o papel desempenhado pelo colonialismo português e pelo imperialismo para a condição da região. Nessa obra, com clara crítica à postura dos EUA para a região percebe-se um tom muito mais crítico do autor em relação ao papel desempenhados pelas grandes potências.

3.1. Indicação para a representação diplomática do Brasil em Genebra.

Em 1962, portanto, Josué de Castro renuncia ao seu mandato parlamentar e vai representar o Brasil perante a ONU em Genebra. Josué, a este tempo já experiente e com a bagagem de sua passagem pela FAO assume a posição de diplomata do governo do presidente João Goulart (Leme, 2023).

Cabe salientar que neste período o Brasil vivia uma experiência, que posteriormente se demonstraria curta, de implantação do parlamentarismo. Após a crise sucessória desencadeada com a renúncia de Jânio Quadros. Como visto em outros discursos Josué é abertamente contrário à ingerência das forças armadas e dos setores do congresso que visavam deter a posse e o exercício pleno do mandato por João Goulart.

A aproximação de Josué com o trabalhismo e com o nacional-desenvolvimentismo o fez ser taxado de “comunista” por alguns órgãos de imprensa na polarização extremada da década de 1960. Contra essas acusações o autor por algumas ocasiões as rebate, como fez em alguns discursos na tribuna da câmara dos deputados apontando a incongruência nesse discurso que visa desqualificar sua atuação política perante a opinião pública.

As opiniões de Castro sobre o processo revolucionário em Cuba e na China são pontos a serem destacados. Sobre a China o autor tece longos comentários em “Geopolítica da Fome”. A análise sobre a situação cubana é feita em discurso como deputado federal, proferido na câmara dos deputados em 06 de dezembro de 1960.

Ambos os países enfrentaram semelhante tipo de problema estrutural a intensificar o problema da fome em seus territórios: uma intensa concentração de terras, latifúndios voltados à monocultura exportadora e a submissão aos interesses das potências capitalistas hegemônicas às quais nunca permitiram o desenvolvimento livre e soberano desses povos.

Sobre a China Josué pontuou que inegáveis eram os avanços verificados por aquele país em pouco tempo de Revolução e que a fome, fenômeno histórico e intensificado pelo imperialismo sobre o território chinês teve seus fundamentos atacados pela revolução comunista e dessa forma vislumbrara-se uma oportunidade para a superação do problema histórico (Castro, 1957).

Em sua análise sobre a China e o continente asiático referidos por Josué como “terra dos homens e terra da fome” há inclusive uma passagem em que o autor destaca o que representaria para o mundo a ascensão de uma China desenvolvida e que enfim solucionasse o problema da fome:

“Se essa gigantesca massa humana encontrar o caminho de sobreviver elevando o standard de vida de sua gente, a economia do mundo também mudará de rumo, como mudará radicalmente o equilíbrio da política mundial” (Castro, 1957, Vol. 2. Pg. 302).

3.2. Golpe Civil-militar e AI-1. O exílio.

O golpe civil-militar de 1964 no Brasil resulta das articulações políticas surgidas já durante a crise sucessória instaurada com a renúncia de Jânio Quadros. A posse

do vice presidente João Goulart em 1961, a experiência do parlamentarismo depois refutada pela população, suas estreitas relações com o sindicalismo brasileiro, as reformas de base levaram a uma crise política aguda com os setores conservadores da sociedade brasileira.

A Lei de Remessas de Lucros de 1962, que impedia multinacionais de enviar mais do que 10% de seus lucros para o exterior, e a continuidade da política externa independente do Brasil desagradaram ao governo dos Estados Unidos, que passou a financiar as movimentações golpistas no Brasil (Rappoport, Laufer, 2000). Sobre a remessa de lucro mesmo Josué em seu discurso apontava o problema da desregulamentação sobre o tema e defendia a edição da lei em seus discursos como deputado federal.

Quanto ao papel decisivo do governo dos EUA registra-se que à época, durante a guerra fria e após a crise dos mísseis em cuba atualmente não restam dúvidas do interesse americano em manter apoio no hemisfério (Fico, 2008). Essa movimentação garantiu reconhecimento internacional para o regime surgido da quebra democrática e sustentação para o que viria a ser um longo ciclo ditatorial no Brasil (Bandeira, 1997).

As implicações do golpe, hoje sabemos, foram profundas e duradouras. O país foi governado por alguns presidentes gerais e permaneceu afastado da democracia por longos 21 anos. O Ato Institucional número 1 (AI-1), publicado em 9 de abril de 1964, menos de 10 dias após o golpe, deu aos militares poderes para reformular a política nacional e perseguir aqueles que se opuseram ao arbítrio e a quebra da ordem constitucional democrática. O AI-1 permitia ao Presidente da República cassar mandatos parlamentares, suspender os direitos políticos ou afastar do serviço público todo aquele que, aos olhares dos golpistas, pudessem ameaçar a segurança nacional (Sganzerla, 2015).

Após a edição do AI-1, grandes figuras do cenário nacional e defensores da democracia como Josué de Castro, João Goulart, Luís Carlos Prestes, Leonel Brizola, Darcy Ribeiro e outros perderam seus direitos políticos. Josué figura na lista em sua 30ª posição¹², cercado de outros atores importantes do cenário nacional agora eclipsados pelo ato de força do novo regime instaurado. O ex-deputado parte para o exílio em Paris na França onde contava com amigos e convite de universidades para lecionar.

¹² <http://memorialdademocracia.com.br/card/ato-1-da-ditadura-rasga-a-constituicao>

3.3. Sete Palmos de Terra e um caixão - Ensaio sobre o Nordeste do Brasil, uma área explosiva

Sua última obra acadêmica publicada em vida, produzida enquanto prestava serviços com representante da República Federativa do Brasil em Genebra e posteriormente já como exilado. O livro, escrito de 1962 a 1965 é entrecortado pelo Golpe civil-militar de 1964 tendo sido uma escolha do autor não redigir notas explicativas sobre o assunto (Castro, 2023). Nesta obra, ainda pouco discutida e abordada, o autor elabora um estudo de caso focado na região nordeste do Brasil.

A obra revela-se essencial para entendermos a relação estabelecida entre o imperialismo e a situação de penúria e fome de rincões ao redor do globo estudo pois apesar de ser menos abrangente em sua análise, em termos geográficos, pois restrita à apenas uma região do Brasil é nesta obra em que o autor vai relacionar sua teoria da fome, já consolidada à época do lançamento do livro, com as implicações da ordem internacional. O colonialismo português e o imperialismo das potências ocidentais serão diretamente abordados pelo autor como responsáveis pelo flagelo da fome nas populações do nordeste e a consequente agitação popular pré-revolucionária.

O autor, como característico de suas outras obras, apresenta a fome aguda e a fome crônica na região nordeste, mapeia os diferentes solos e regiões, estuda as culturas mais cultivadas em cada região e conclui mais uma vez: o problema da fome, na região, não tem relação com a produtividade da terra *versus* o quantitativo de população local, mas uma escolha deliberada representada pela profunda concentração dessa terra na forma de latifúndios monocultores voltados à exportação. A fome mais uma vez se revela como projeto e engenho humano e não apenas como acaso natural.

O que se verifica no Nordeste açucareiro é que a fome de que sofrem suas populações é produto exclusivo do seu tipo de organização econômica, da exploração econômica de tipo colonial, estabelecido sob o signo do feudalismo agrário em torno da monocultura do açúcar. A fome aparecendo como uma espécie de subproduto da economia da cana, e os famintos como uma forma de bagaço de sua estrutura social: o bagaço humano do latifúndio açucareiro. (Castro, 1965, p.54)

Em “Sete Palmos de Terra e um caixão”, Josué nos brinda com uma análise do surgimento das ligas camponesas, suas implicações políticas locais e como tal

surgimento, entendido pelo governo estadunidense como uma porta de entrada para os movimentos revolucionários marxistas fora utilizado de pretexto para a implantação da chamada “aliança para o progresso”. A mera luta por direitos no campo ocasionara, portanto, uma forte reação imperialista disposta a financiar movimentos golpistas na região, hoje sabemos ter sido esta política americana uma das molas propulsoras do golpe civil militar de 1964 e da ditadura instaurada por 21 anos.

Corroborando a análise de Josué de Castro temos Florestan Fernandes também analisando o impacto das políticas imperialistas no cenário nacional. Embora Josué o faça mais focado no contexto do nordeste brasileiro o diagnóstico de ambos os autores é similar e verifica-se a construção do cenário que levou ao golpe civil-militar de 1964.

“Das ilusões da Aliança para o Progresso chegara-se ao realismo cru do desenvolvimento com segurança. Burguesia nacional e imperialismo davam-se as mãos para impedir que a aparente situação “pré-revolucionária” amadurecesse e gerasse frutos revolucionários” (Fernandes, 1985. pg. 45).

A obra, por ser focada em uma região e por estar voltada a público estrangeiro, notadamente o norte-americano, traz uma análise histórico-social do desenvolvimento do nordeste brasileiro. Josué analisa a colonização da região e verifica ali a gênese do atraso, subdesenvolvimento e da fome generalizada corroborada quando de seus estudos mais modernos. Resquício de uma economia de bases feudais o Nordeste conservou muito das antigas estruturas implantadas pelo colonizador português, latifúndios, monoculturas e mão de obra extremamente precarizada, esse caldo, perpetuou-se no tempo e manteve a região avessa à qualquer modernização nas estruturas sociais.

Em sete palmos de terra e um caixão (1965), Josué se dedica à analisar, de forma didática, a industrialização e o debate político no Brasil, da exploração colonial ao desenvolvimento de um capitalismo industrial na era Vargas o autor de forma detida vai apresentando a importância de tais movimentos para a emancipação do país. Importante notar que Josué verifica em tal transição, de país agrário exportar e de bases feudais, para país industrializado uma verdadeira revolução com grande ganho de qualidade de vida pelo proletariado urbano recém surgido. Este contraste entre um sul/sudeste industrializado e um nordeste ainda de bases feudais faz surgir um clima de agitação social na região menos favorecida pelo desenvolvimento.

Em discurso na câmara dos deputados Josué fez análise contundente da fome na região nordeste afastando a hipótese ser de origem apenas natural:

“A meu ver, a fome que o Nordeste está atravessando, a miséria aguda, que se exterioriza mais gritante, mais negra e mais trágica nesta época de calamidade, é mais um fenômeno de ordem social do que natural. Mais do que a seca, o que acarreta esse estado de coisas é o pauperismo generalizado, a proletarização do sertanejo, sua produtividade mínima, insuficiente, que não lhe permite possuir nenhuma reserva para enfrentar as épocas difíceis, as épocas das vacas magras, porque já não há lá, nunca, épocas de vacas gordas” (Castro, 1965, p. 162).

3.4. Homens e Caranguejos.

Embora cronologicamente tenha sido escrito posteriormente as demais obras de Josué de Castro, “Homens e Caranguejos” faz verdadeiro resgate das primeiras impressões do autor, ainda nos mocambos de Recife em sua tenra infância. Esta obra, escrita em 1966 e lançada 1967 difere das demais ao inseri-lo na literatura de romance. Situado na Recife em que Josué crescera observando os mangues e seus habitantes a obra é rica em descrições e observações sobre a vida dos habitantes do local, sejam eles seres humanos ou caranguejos e o mangue é o pano de fundo de toda a história.

Homens e Caranguejos, por vezes, é pouco lembrada quando se analisam as obras do autor, no entanto revela-se ponto essencial de sua bibliografia pois é a partir dessa obra que entendemos o surgimento da visão do autor e de onde vieram as suas primeiras impressões sobre o tema da fome. A fome no livro é mais do que mero estado fisiológico sendo um personagem a espreitar os homens que trabalham nas lamas e manguezais da Recife antiga.

Josué confessa não ter sido na Sorbonne e nem nas “sábias universidades” em que aprendeu sobre a fome, mas o fez nos bairros pobres de Recife: Afogados, Pina, Santo Amaro e Ilha do Leite (1967). É este cenário visto na sua juventude que está retratado, em forma de romance, em “homens e caranguejos”.

A obra trata da vida dura e curta de João Paulo, a infância passada junto ao mangue e sua história de sobrevivência. Seus personagens são os mesmos das obras acadêmicas do autor e também tem por trás de suas histórias os episódios de seca e fome que formaram os retirantes. Em homens e caranguejos Josué personifica aquelas pessoas que foram seu objeto de estudo em “Geografia da Fome” e em “Documentário do Nordeste”.

É no prefácio de “Homens e Caranguejos” que estão as impressões de Josué de Castro e extrapolação de sua obra para o mundo com a identificação dos padrões da pobreza nos mangues com os bolsões de miséria espalhados ao redor da Terra:

“E quando cresci e saí pelo mundo afora, vendo outras paisagens, me apercebi com nova surpresa que o que eu pensava ser um fenômeno local, um drama do meu bairro, era um drama universal. Que a paisagem humana dos mangues se reproduzia no mundo inteiro. Que aqueles personagens da lama do Recife eram idênticos aos personagens de inúmeras outras áreas. do mundo assoladas pela fome. Que aquela lama humana do Recife, que eu conhecera na infância, continua sujando até hoje toda a paisagem do nosso planeta como negros borões de miséria. As negras manchas demográficas da geografia da fome” (Castro, 1967, pg. 24).

Nesta obra percebemos que mesmo um problema local, a fome das populações ribeirinhas do Recife, também se relacionam com as questões globais e as emulam. Josué é um autor que parte do Recife para ler o mundo e dessa forma identifica nos mais variados rincões elementos comuns que justificam a permanência desse fenômeno global que é a fome com o qual já havia tido contato desde a infância ao observar o cotidiano dos catadores de caranguejo em Recife.

Não apenas em “Geografia” ou “Geopolítica”, mas todas as suas obras possuem características de seus cenários locais e das experiências apuradas pelo mundo, sua vivência apurou o seu olhar para identificar as causas do subdesenvolvimento e as razões da fome que por mais diversas que sejam, e por mais díspares que sejam os cenários estão enraizadas por questões comuns à humanidade e à exploração capitalista que permeia as relações comerciais, seja entre indivíduos, seja entre as nações.

Portanto, mesmo que não seja considerada a obra mais destacada de Josué também em Homens e Caranguejos encontramos os elementos que vieram a dar destaque a teoria do autor, lançando-o ao sucesso interno e internacional. A ilustração das pessoas vítimas da fome, sua luta, seus ambientes tornam essa uma obra única e a indicação, logo no prefácio da extrapolação de suas observações para o mundo, demonstram que o autor não apenas escrevia sobre sua vivência nos alagados do Recife, mas sobre as agruras pelas quais os “estiolados da fome” passam em todos os continentes.

Da análise das derradeiras obras publicadas pelo autor ainda em vida percebe-se que a visão de Josué sobre as dinâmicas internacionais e marcadamente do imperialismo e do colonialismo passam a ser contundentes. Entende-se que após um

duro período de atividade política culminando com seu exílio tenham trazido ao autor certo realismo na análise e até certa descrença na resolução do problema da fome pelos caminhos da cooperação internacional.

Conclusão.

Esta dissertação se propôs a analisar o tema da fome e sua relação com o internacional através da obra e atuação política de um autor clássico do tema: Josué de Castro. Analisando como fonte primária algumas das obras mais destacadas do autor e também seus comentadores se percebe que o tema do imperialismo e do internacional não são o principal objeto de análise em suas obras mas trazem sofisticação e aprofundamento a medida em que vai sendo inserido pelo autor como elemento do sistema econômico-político que gera a fome.

O primeiro capítulo aborda os anos iniciais de sua formação, em Recife, até o lançamento de sua grande obra, “Geografia da fome” em 1946. Obra que não apenas o apresenta ao Brasil e ao mundo, mas em que o método do autor vai ser utilizado com grande intensidade e replicado nas obras seguintes. Deste primeiro capítulo ainda encontramos poucas explicações para sua teoria que cite o internacional.

No segundo capítulo, iniciado a partir de “Geopolítica da Fome” de 1951 e focado na atuação político-partidária e como diretor da FAO temos um autor já consagrado nacionalmente e que obtém projeção internacional. Após os anos atuando como diretor do conselho da FAO e através de seus discursos percebe-se o refino ao tratar do tema do imperialismo e nas dinâmicas internacionais causadoras da fome. Deve-se destacar o contundente discurso de Josué contra o programa norte-americano “alimentos pela paz” onde fica clara uma mudança de postura do autor sobre o papel desempenhado pelas potências ocidentais em relação ao problema de abastecimento global.

No terceiro capítulo temos uma análise de duas obras mais realistas em termos de análise do internacional. Com os atribulados anos da década de 60 no Brasil, golpe militar de 1964 e exílio pós AI-1. Josué então, em suas derradeiras obras se revela um autor que entende a via revolucionária como a única saída para algumas nações diante da opressão internacional, notadamente se refere ao caso cubano. Quando à pedido de editora norte-americana passa a analisar a área do nordeste brasileiro, a nomeia como “área explosiva”. Diante das profundas crises sociais e do retorno da

fome ao nordeste também enxerga na região, principalmente nas disputas entre as ligas camponesas e os latifundiários o embrião daquilo que poderia vir a se tornar uma luta revolucionária em solo brasileiro.

A análise cronológica de suas obras, pontuada com sua atuação político-partidária, com a atuação desempenhada no plano internacional e a análise de seus discursos demonstram como o internacional, o imperialismo e o colonialismo vão surgindo e ganhando relevância gradativamente na forma como Josué vê o mundo e desenvolve a sua teoria da fome. O amadurecimento do autor, constata-se a cada etapa e traz sempre pontuações e inserções do contexto internacional contextualizadas com suas análises. O internacional, portanto, é chave sempre presente quando das explicações e análises do autor e é patente o uso cada vez mais intenso que realizada de forma a trazer uma maior densidade para sua teoria.

O pioneirismo do autor reside em seu combate às teorias neomalthusianas e suas análise que concluem não ser a fome um problema da natureza ou matemático, mas um problema humano, político e social. Nesse sentido a medida em que vai desenvolvendo suas obras e atuando politicamente é cada vez mais constante o uso do imperialismo e do internacional como forma de analisar as causas da fome nos mais diversos países. Embora não conceitue e não tratem suas obras especificamente das dinâmicas internacionais fica claro que o autor apura sua teoria trazendo um detalhamento e refino de suas análises ao inserir e aprofundar o uso desses temas em suas obras.

Referências.

ABRAMOVAY, Ricardo. **A ATUALIDADE DO MÉTODO DE JOSUÉ DE CASTRO E A SITUAÇÃO ALIMENTAR MUNDIAL**. Revista de economia e sociologia rural, v. 34, n. 3, p. 81-102, 2019.

ALBURQUERQUE, Germán. **Terceiro Mundo e terceiro-mundismo no Brasil: para sua constituição como sensibilidade hegemônica no campo cultural brasileiro 1958-1990**. Estudos Ibero-Americanos, v. 37, n. 2, 2011.

ALMEIDA, Júlio Sérgio Gomes de. **As contradições do ciclo de commodities**. Novos estudos CEBRAP, p. 23-31, 2008.

AMORIM, Helder Remigio de. **“Sete Palmos de terra e um caixão”: escrita e práticas políticas na trajetória de Josué de Castro**. 2013.

_____. **Entre o intelectual e o político: a participação de Josué de Castro no partido trabalhista brasileiro durante o segundo governo Vargas**.

_____. **O PTB como caminho: a inserção de Josué de Castro no segundo Governo Vargas**.

_____. **“Um pequeno pedaço do incomensurável”: a trajetória política e intelectual de Josué de Castro**. 265f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Josué de Castro: o homem, o cientista e seu tempo**. Estudos avançados, v. 11, p. 169-194, 1997.

ARRUDA, Bertoldo Kruse Grande de; ARRUDA, Ilma Kruze Grande de. **Marcos referenciais da trajetória das políticas de alimentação e nutrição no Brasil**. Revista brasileira de saúde materno infantil, v. 7, p. 319-326, 2007.

BANDEIRA, Moniz. **O Golpe militar de 64 como fenômeno de política internacional**. In: TOLEDO, Caio Navarro (org). 1964: visões críticas do golpe: democracia e reformas no populismo. Campinas, Editora da UNICAMP, p.123-124, 1997.

BATISTA FILHO, Malaquias. Fórum. **Centenário de Josué de Castro: lições do passado, reflexões para o futuro**. Introdução. Cadernos de Saúde Pública, v. 24, p. 2695-2697, 2008.

BELIK, Walter. **Mecanismos de coordenação na distribuição de alimentos no Brasil**. In: BELIK, Walter; MALUF, Renato S. (orgs.). Abastecimento e segurança alimentar: os limites da liberalização, Campinas (SP): IE/UNICAMP, 2000, p. 131-160.

BELIK, Walter; SILVA, José Graziano da; TAKAGI, Maya. **Políticas de combate à fome no Brasil**. In: ANDRADE, Manuel Correia de et al. Josué de Castro e o Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, p. 11-37, 2003

BRASIL. Decreto Lei n.º 2162, de 01 de maio de 1940. **Institui o salário mínimo e dá outras providências**. Coleção de Leis do Brasil, Vol. 3, pg. 77, 1940.

_____. Congresso Nacional. Câmara dos deputados. **Diário do Congresso Nacional**, Rio de Janeiro, ano 12, n.119, 11 julho 1957, p.4707-4710. Disponível em: <https://ifz.org.br/download/4931/?tmstv=1690916174&v=4932>. Acesso em out. de 2023. Discurso do deputado Josué de Castro. 1957.

_____. Congresso Nacional. Câmara dos deputados. **Diário do Congresso Nacional**, Rio de Janeiro, ano 14, n.37, 09 abril 1959, p.1333. Disponível em: <https://ifz.org.br/download/4966/?tmstv=1690917467&v=4967>. Acesso em out. de 2023. Discurso do deputado Josué de Castro. 1959a.

_____. Congresso Nacional. Câmara dos deputados. **Diário do Congresso Nacional**, Rio de Janeiro, ano 14, n.49, 05 maio 1959, p.1880-1882. Disponível em: <https://ifz.org.br/download/4972/?tmstv=1690917896&v=4973>. Acesso em out. de 2023. Discurso do deputado Josué de Castro. 1959b.

_____. Congresso Nacional. Câmara dos deputados. **Diário do Congresso Nacional**, Rio de Janeiro, ano 14, n.57, 22 maio de 1959, p.2207-2210. Disponível em: <https://ifz.org.br/download/5548/?tmstv=1692123098&v=5549>. Acesso em out. de 2023. Discurso do deputado Josué de Castro. 1959c.

_____. Congresso Nacional. Câmara dos deputados. **Diário do Congresso Nacional**, Rio de Janeiro, ano 14, n.74, 17 junho de 1959, p.3137. Disponível em: <https://ifz.org.br/download/5002/?tmstv=1690928061&v=5003>. Acesso em out. de 2023. Discurso do deputado Josué de Castro. 1959d.

_____. Congresso Nacional. Câmara dos deputados. **Diário do Congresso Nacional**, Rio de Janeiro, ano 14, n.82, 27 junho de 1959, p. 3582. Disponível em: <https://ifz.org.br/download/5544/?tmstv=1692123051&v=5545>. Acesso em out. de 2023. Discurso do deputado Josué de Castro. 1959e.

_____. Congresso Nacional. Câmara dos deputados. **Diário do Congresso Nacional**, Rio de Janeiro, ano 15, n.56, 14 abril de 1960, p. 2649-2650. Disponível em: <https://ifz.org.br/download/5536/?tmstv=1692122919&v=5537>. Acesso em out. de 2023. Discurso do deputado Josué de Castro. 1960a.

_____. Congresso Nacional. Câmara dos deputados. **Diário do Congresso Nacional**, Rio de Janeiro, ano 15, n.194, 17 novembro de 1960, p. 8391-8392. Disponível em: <https://ifz.org.br/download/5532/?tmstv=1692122792&v=5533>. Acesso em out. de 2023. Discurso do deputado Josué de Castro. 1960b.

_____. Congresso Nacional. Câmara dos deputados. **Diário do Congresso Nacional**, Rio de Janeiro, ano 15, n.209, 06 dezembro de 1960, p. 8974-8975. Disponível em: <https://ifz.org.br/download/5528/?tmstv=1692122741&v=5529>. Acesso em out. de 2023. Discurso do deputado Josué de Castro. 1960c.

_____. Congresso Nacional. Câmara dos deputados. **Diário do Congresso Nacional**, Rio de Janeiro, ano 16, n.28, 03 março de 1961, p. 1093-1095. Disponível em: <https://ifz.org.br/download/5528/?tmstv=1692122741&v=5529>. Acesso em nov. de 2023. Discurso do deputado Josué de Castro. 1961a.

_____. Congresso Nacional. Câmara dos deputados. **Diário do Congresso Nacional**, Rio de Janeiro, ano 16, n.61, 28 abril de 1961, p. 2815. Disponível em: <https://ifz.org.br/download/5524/?tmstv=1692122665&v=5525>. Acesso em nov. de 2023. Discurso do deputado Josué de Castro. 1961b.

_____. Congresso Nacional. Câmara dos deputados. **Diário do Congresso Nacional**, Rio de Janeiro, ano 16, n.29, 29 agosto de 1961, p. 175. Disponível em: <https://ifz.org.br/download/5520/?tmstv=1692122611&v=5521>. Acesso em nov. de 2023. Discurso do deputado Josué de Castro. 1961c.

_____. Congresso Nacional. Câmara dos deputados. **Diário do Congresso Nacional**, Rio de Janeiro, ano 16, n.150, 01 setembro de 1961, p. 6359-6360. Disponível em: <https://ifz.org.br/download/5518/?tmstv=1692122585&v=5519>. Acesso em nov. de 2023. Discurso do deputado Josué de Castro. 1961d.

_____. Congresso Nacional. Câmara dos deputados. **Diário do Congresso Nacional**, Rio de Janeiro, ano 16, n.153, 06 setembro de 1961, p. 6479-6480. Disponível em: <https://ifz.org.br/download/5516/?tmstv=1692122556&v=5517>. Acesso em nov. de 2023. Discurso do deputado Josué de Castro. 1961e.

_____. Congresso Nacional. Câmara dos deputados. **Diário do Congresso Nacional**, Rio de Janeiro, ano 16, n.160, 19 setembro de 1961, p. 6733-6734. Disponível em: <https://ifz.org.br/download/5514/?tmstv=1692122531&v=5515>. Acesso em nov. de 2023. Discurso do deputado Josué de Castro.1961f.

_____. Congresso Nacional. Câmara dos deputados. **Diário do Congresso Nacional**, Rio de Janeiro, ano 16, n.223, 13 dezembro de 1961, p. 10683-10686. Disponível em: <https://ifz.org.br/download/5510/?tmstv=1692122477&v=5511>. Acesso em nov. de 2023. Discurso do deputado Josué de Castro.1961g.

_____. Congresso Nacional. Câmara dos deputados. **Diário do Congresso Nacional**, Rio de Janeiro, ano 17, n.26, 20 março de 1962, p. 850. Disponível em: <https://ifz.org.br/download/5506/?tmstv=1692122422&v=5507>. Acesso em nov. de 2023. Discurso do deputado Josué de Castro.1962.

CARDOSO, Tayguara T. **Desenvolvimentismo e sertão nordestino: Celso Furtado, Josué de Castro e o debate em torno da “Operação Nordeste” e Sudene**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, v. 169, n. 440, p. 133-160, 2008.

_____. O novo nordeste: **Celso Furtado, Josué de Castro e o debate sobre desenvolvimentismo e o sertão nordestino nos anos 50**. 155f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

CASTRO, Anna Maria de. **Carta de Anna Maria de Castro em homenagem ao pai, Josué**. 2021. Disponível em: < <http://geografiadafome.fsp.usp.br/carta-de-anna-maria-de-castro-em-homenagem-ao-pai/> >. Acesso em: 12 out. 2023.

_____. **Josué de Castro e a descoberta da fome**. 2023. Disponível em: < <https://pp.nexojornal.com.br/opinia0/2021/Josué-de-Castro-e-a-descoberta-da-fome>>. Acesso em: 28 dez. 2023.

CASTRO, Josué de. **Geopolítica da fome**. 4ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957.

_____. **Sete Palmos de Terra e um Caixão. Ensaio sobre o Nordeste uma Área Explosiva**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1965.

_____. **Homens e Caranguejos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1967.

_____. **Documentário do Nordeste**. 4ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1968.

_____. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. 1ª edição. São Paulo: Todavia, 2022.

DA SILVA, Alexandre Pereira. **Os princípios das relações internacionais e os 25 anos da Constituição Federal**. Revista de informação legislativa, v. 50, n. 200, p. 15-32, 2013.

DA SILVA, José Aroldo. **A representação da fome em Homens e Caranguejos de Josué de Castro**. Literatura e Autoritarismo, n. 20, p. 114-124, 2012.

SILVA, Tânia Elias Magno. **Josué de Castro e os estudos sobre a fome no Brasil**. Revista Cronos, v. 10, n. 1, p. 51-77, 2009.

_____. **Josué de Castro – para uma poética da fome**. Curitiba: CRV, 2020.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo editorial, 2017.

DUMÉNIL, Gérard; LÉVY, Dominique. **Neoliberalismo: neo-imperialismo**. Economia e Sociedade, v. 16, p. 1-19, 2007.

FERNANDES, Florestan. **Nova República?** Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

FICO, Carlos. **O golpe de 1964 e o papel do governo dos EUA**. In: FICO, Carlos et al (org.) Ditadura e Democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. cap.3, p.53-76

_____. **O grande irmão. Da Operação Brother Sam aos anos de chumbo: o governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008a.

_____. **Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. Revista brasileira de história, v. 24, p. 29-60, 2004.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005. Capítulo 2 – A Geografia da acumulação Capitalista: uma reconstrução da Teoria Marxista.

HARVEY, David et al. **O “novo” imperialismo: acumulação por espoliação**. *Socialist register*, v. 40, n. 1, p. 95-126, 2004.

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos. O Breve Século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEME, Adriana Salay. **Josué de Castro e a fome: gênese e gestão de uma questão social no Brasil**. 2023. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2023

LÊNIN, Vladimir Ilitch. **Imperialismo, estágio superior do capitalismo**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

LIMA, Thiago; CONSTANTINO, Agostina; THOMAZ, Laís Forti; ROCHA, Raquel Maria de Almeida. **Alimentação, segurança humana e relações internacionais: relações de humanidade?** In: LIMA, Thiago (org.). Segurança alimentar e relações internacionais. 1ª ed. João Pessoa: Editora UFPB, 2019. cap. 1, p. 7-21.

LIMA, Thiago. **Fome e Relações Internacionais: uma agenda oportuna para o Brasil**. Carta Internacional, v. 9, n. 1, p. 94-104, 2014.

_____. **A fome e os Estados Unidos: Josué de Castro e a crítica da fome no centro do poder mundial** In: SILVA, José Graziano; Carneiro, Carla Barroso; CEOLIN, Saulo Arantes (orgs.). Josué de Castro e a diplomacia da fome. 1ª ed. Brasília: Funag, 2023. p. 93-122.

LIRA, A. **Aforismos Da Autonomia: a trajetória De John Boyd Orr Na América E As Campanhas Para a criação Do Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO)**. FDC 2019, 4, 19-41

LIRA, Augusto César Gomes de; FELDHUES, Paulo Raphael Pires. **Entre o desenvolvimentismo e a fome: percursos da ASCOFAM no Nordeste dos anos JK**. Revista de História Regional, v. 23, n. 1, 2018.

MALUF, Renato Sérgio. **Segurança alimentar e desenvolvimento econômico na América Latina: o caso do Brasil**. Brazilian Journal of Political Economy, v. 15, p. 137-143, 2022.

MALUF, Renato Sérgio.; MENEZES, Francisco; MARQUES, Susana Bleil. **Caderno segurança alimentar**. Paris: Fhp, p. 1-52, 2000.

MALUF, Renato Sérgio.; SANTARELLI, Mariana; PRADO, Veruska. **A cooperação brasileira em segurança alimentar e nutricional: determinantes e desafios presentes na construção da agenda internacional**. CERESAN Texto para Discussão, v. 3, 2014.

MARINI, Rui Mauro. **Dialética da dependência**. Germinal: marxismo e educação em debate, v. 9, n. 3, p. 325-356, 2017.

_____. **Dialética do desenvolvimento capitalista no Brasil**. Dialética da dependência: Uma antologia da obra de Rui Mauro Marini. Petrópolis: Vozes/Laboratório de Políticas Públicas (LPP), 2000.

MARTINS, Luis Carlos Dos Passos. **Imprensa, Estado e industrialização planejada nos anos 50: os grandes jornais “liberais” cariocas diante do projeto desenvolvimentista do Segundo Governo Vargas**. Anais do XXVI simpósio nacional de história – ANPUH [...]. São Paulo: 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300667834_ARQUIVO_ANPUH2011-LuisMartins-artigo.pdf Acesso em: 15 fev. 2023.

MARTINS, Ana Paula Bortoletto; CAMPELLO, Tereza Campello. **Cátedra Josué de Castro de Sistemas Alimentares e Sustentáveis: um novo espaço para reflexão e ação**. Diálogos Socioambientais, v. 4, n. 10, p. 28-31, 2021.

MASCARO, Alysso Leandro. Estado e forma política. São Paulo: Boitempo, 2013.

MCMICHAEL, Philip. **Regimes Alimentares e Questões Agrárias**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MELO FILHO, D. A. de: **Mangue, homens e caranguejos em Josué de Castro: significados e ressonâncias**. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, vol. 10. p.505-524, maio-ago. 2003.

MELO, Normando Jorge De Albuquerque. **Josué de Castro antes da fome**. Revista Aurora, v. 4, n. 1, 2011, p. 140-152

MENDONÇA, Marina Gusmão de. **Josué de Castro e o combate ao neomalthusianismo**. História Econômica & História de Empresas, v. 17, n. 2, 2014. p.353-375.

_____. **Fome, explosão demográfica e a questão ambiental na obra de Josué de Castro**. In: SILVA, José Graziano; Carneiro, Carla Barroso; CEOLIN, Saulo Arantes (orgs.). Josué de Castro e a diplomacia da fome. 1ª ed. Brasília: Funag, 2023. p. 207-246.

MOREIRA, Ruy. **Max Sorre**. GEOgraphia, v. 5, n. 10, 2003.

NASCIMENTO, Renato Carvalheira do. **Josué de Castro: o sociólogo da fome**. 2002. 200f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

_____. **O papel da sociedade civil no campo da soberania e segurança alimentar e nutricional no Brasil: a contribuição de Josué de Castro**. In: SILVA, José Graziano; Carneiro, Carla Barroso; CEOLIN, Saulo Arantes (orgs.). Josué de Castro e a diplomacia da fome. 1ª ed. Brasília: Funag, 2023. p. 25-60.

ORR, John Boyd et al. **Food and the People**. Food and the People., 1943.

OSÓRIO, Luiz Felipe. **Imperialismo, Estado e Relações Internacionais**. 1ª edição. São Paulo: Ideias e Letras, 2018.

RAPOPORT, Mario; LAUFER, Rubén. **Os Estados Unidos diante do Brasil e da Argentina: os golpes militares da década de 1960**. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 43, p. 69-98, 2000.

REZENDE, Maria José de. **colonialismo, subdesenvolvimento e fome em Josué de Castro**. Cadernos de Estudos Sociais, Recife, v. 19, n. 2, pp. 227-248, jul/dez. 2003.

RIBEIRO JR, José Raimundo Sousa. **Uma resposta política para a fome: Josué de Castro e as ligas camponesas**. GEOgraphia, v. 22, n. 48, 2020.

_____. **A fome e a miséria na alimentação: apontamentos para uma crítica da vida cotidiana a partir da Geografia Urbana**. 2008. 171 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ROLIM, Tácito Thadeu Leite. **A Operação "Argus"(1958) e as controvérsias sobre a ocorrência de testes atômicos no Nordeste Brasileiro.** Tempo, v. 14, p. 85-99, 2010.

SGANZERLA, Rogerio Barros. **O papel dos atos institucionais na privação de garantias fundamentais durante o período de ditadura militar no Brasil.** In: Anais do Congresso Brasileiro de Processo Coletivo e Cidadania, p. 297-304, 2015

SANTOS, Theotonio. dos. **A Estrutura da Dependência.** Revista Sociedade Brasileira Economia Política. São Paulo, nº30, p.5-18, 2011.

SILVA, José Graziano; CARNEIRO, Carla Barroso. Introdução. In: SILVA, José Graziano; Carneiro, Carla Barroso; CEOLIN, Saulo Arantes (orgs.). **Josué de Castro e a diplomacia da fome.** 1ª ed. Brasília: Funag, 2023. Introdução. p. 11-24.

TRAVASSOS, Lidiany Soares Mota. **"Uma história não contada: o campo de concentração para flagelados de 1915 em Fortaleza-Ceará."** V Colóquio de História "Perspectivas Históricas: historiografia, pesquisa e patrimônio, pg. 717-730, 2011.

VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes de. **Combate à fome no Brasil: uma análise histórica de Vargas a Lula.** Revista de Nutrição, v. 18, p. 439-457, 2005.